

Aquecimento global

O gelo tem a resposta



Perito Moreno, na região da Patagônia argentina, uma das geleiras que sofre as conseqüências do aumento da temperatura

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

HÁ UMA DÉCADA, PESQUISADORES DA UFRGS ESTUDAM MUDANÇAS NO CLIMA DO PLANETA INTEGRANTES DO NÚCLEO DE PESQUISAS ANTÁRTICAS E CLIMÁTICAS (NUPAC) DIZEM QUE O CONTINENTE INDICA AS ALTERAÇÕES NA TEMPERATURA DA TERRA: FOI A REGIÃO QUE MAIS AQUECEU NOS ÚLTIMOS 50 ANOS E PERDEU ATÉ AGORA 7% DE SUA MASSA DE GELO. NO FINAL DE OUTUBRO, A EQUIPE FARÁ NOVA EXPEDIÇÃO À ANTÁRTICA. **Página 10**

10 anos

universidade pública

Para dirigentes, segue a luta pela autonomia

Instituições federais permanecem em situação de dependência total do Ministério da Educação, tanto do ponto de vista decisório quanto orçamentário, o que dificulta seu gerenciamento. **Página central**



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Essa POA é boa

Projeto investe na integração com a comunidade

Instalados num galpão do DC Shopping, 224 artistas promovem mostra alternativa ao modelo das bienais, movidos pelo desejo de abandonar o tradicional isolamento dos ateliês. **Página 13**



CADINHO ANDRADE

comemoração

JU completa 10 anos divulgando a Universidade

Criado em setembro de 1997, o Jornal da Universidade mantém seu propósito de aproximar a produção acadêmica do público em geral. **Página 7**

Campus
UFRGS TV lança novo programa para marcar dois anos de atividade

Página 6 | Página 11 | Página 5

Ciência
Aluna de Engenharia Elétrica cria dispositivo que impede clonagem de cartões bancários

Atualidade
Instrutor de vôo aponta falhas na formação de pilotos como origem de nova crise aérea

artigo O acidente da TAM e a cobertura midiática **Página 2**

debates O porquê da manutenção do muro da Mauá **Página 4**



Cartas



Estimados senhores, quero cumprimentá-los pela edição de julho, em especial, dizer que me senti extremamente honrada em ser incluída na matéria “as caras novas da UFRGS” e sensibilizada com o texto cuidado de Jacira Cabral da Silveira. Sem falar na matéria sobre a aprovação das cotas! Muito obrigada e boa sorte no novo semestre!

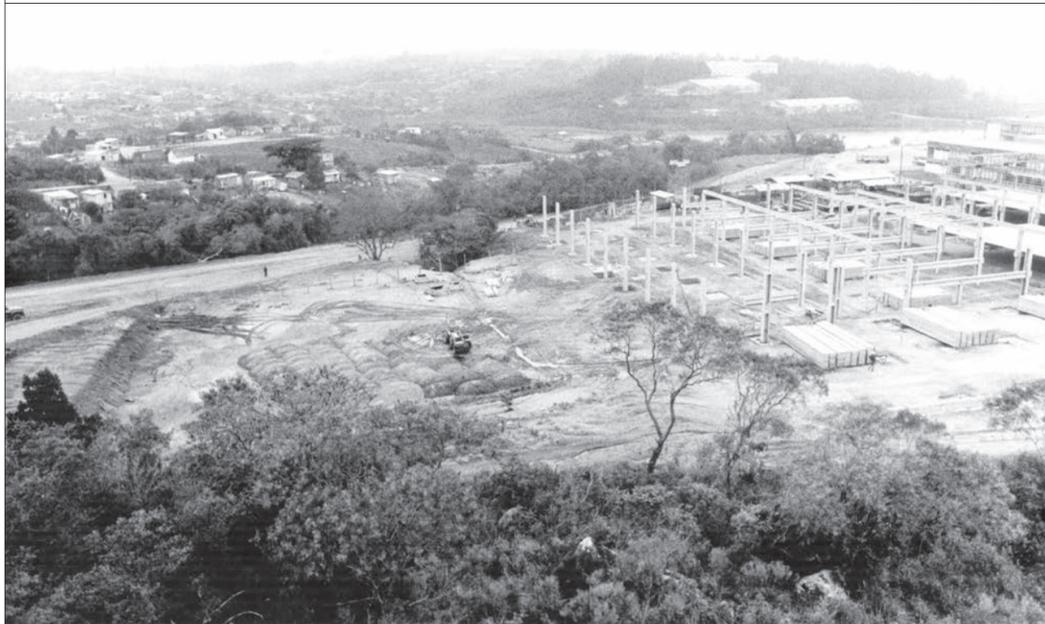
Profa. Luciana Prass
Instituto de Artes

A Associação de Docentes da UFRGS trouxe o professor Naomar de Almeida Filho, reitor da UFBA, para apresentar o seminário sobre o projeto Universidade Nova, evento destacado na seção Atualidade do número 99 do Jornal da Universidade sob o título “A polêmica do projeto Universidade Nova”. Cabe-nos aqui ressaltar a clareza e a fidelidade como as autoras da matéria, Ânia Chala e Jacira Cabral da Silveira, reproduziram as palavras de ambos os reitores e, acreditamos, da pessoa procurada para falar, em nome dos professores da UFRGS. Surpreendeu-nos, contudo que a Adufrgs, promotora do seminário, tenha sido completamente ignorada na matéria das jornalistas. Mais surpreendente ainda foi que a pessoa ouvida, não apenas esteve ausente ao debate, mas revelou desconhecer ambas as propostas, como foi claramente demonstrado ao confundir os objetivos do “Universidade Nova”, um projeto de reestruturação curricular originário das propostas de Anísio Teixeira, com os objetivos do “Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais” (REUNI), projeto do governo federal regulamentado em julho deste ano. Felizmente, para os leitores do JU, a clareza e objetividade da declaração do reitor Hennemann permite distinguir perfeitamente estes assuntos.

Diretoria da Adufrgs

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



▶ **1978** À esquerda, o anel viário do Campus do Vale em pleno serviço de terraplanagem. Em primeiro plano, aparecem as sapatas dos prédios de administração do Bloco I, onde hoje situam-se os Institutos de Biociências e de Química

Espaço da Reitoria

Vida longa ao nosso Jornal

O mês de setembro marca os dez anos do Jornal da Universidade. A data é significativa, porque mostra como ao longo de uma década vem se mantendo esta publicação impressa de qualidade, que retrata a pesquisa, o ensino e a extensão realizados na UFRGS. Durante este período, muitas mudanças ocorreram na sociedade e na Universidade – e isto está sendo mostrado parcialmente nesta edição comemorativa.

Além disso, o Jornal tem registrado nosso avanço nas diferentes áreas do conhecimento. A cada mês, a comunidade da UFRGS e os inúmeros leitores que recebem o Jornal em suas casas são informados sobre o dia-a-dia dos *campi*, as novas pesquisas e os acontecimentos marcantes de cada

período. Um impresso de longa permanência é uma das maneiras que a Universidade encontra para se comunicar, para publicizar os seus fazeres. A publicação de um jornal por parte de uma Universidade é demonstração do quanto a instituição quer manter sua comunidade informada e o quanto está preocupada em disponibilizar esta informação atualizada e com qualidade.

No ano passado, nosso jornal ficou em segundo lugar no prêmio Andifes de Jornalismo. Motivo de orgulho para nós e para a equipe encarregada de produzi-lo mensalmente, este prêmio é o resultado do comprometimento da Administração da Universidade, da equipe de profissionais, do Conselho Editorial e de todos que têm contribuído decisiva-

mente para o aperfeiçoamento desta publicação que atende um conjunto de leitores cada vez mais exigente.

Esta é uma edição diferenciada, pois apresenta, pela primeira vez, uma capa em cores. Para a Administração este feito tem um sabor especial. Desde o mês de abril deste ano, o Jornal é impresso em nossa Gráfica, realizando-se assim o projeto de qualificar cada vez mais aquele setor, tornando-o capaz de atender, com agilidade e eficiência, as demandas internas da instituição. Ganhamos em qualidade, tempo e nas parcerias com os setores de comunicação da Universidade. Vida longa ao nosso Jornal!

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre – RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3308-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Antônio Sanseverino, Artur Lopes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Helen Beatriz Frota Rozados, Márcia Benetti Machado, Maria Henriqueta Luce Kruse

Editora-chefe
Ânia Chala
Secretária de redação
Sandra Salgado

Repórteres desta edição
Ânia Chala, Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira

Bolsistas
Juliano Tatsch (jornalismo)
Guilherme Resende Muniz (publicidade e propaganda)
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira

Fotografia
Camila Ross e Flávio Dutra

Revisão
Ânia Chala, Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira

Colaboraram nesta edição
Fatimarlei Lunardelli
Marcelo Spalding

Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

e-mail: jornal@ufrgs.br

Artigo

O jornalismo da não-complexidade

Quando um avião comercial lotado pousa, atravessa uma avenida da maior cidade do país, invade o prédio da própria empresa e causa um violento incêndio, isto não é apenas notícia. É um raro conjunto de elementos que ali se concretizam e que o jornalismo, este modo de conhecer o presente, busca narrar. Tudo se mistura: espanto, horror, impotência, raiva, dor, perda, curiosidade, ironia. O acidente com o Airbus A-320 da TAM, em 17 de julho, em Congonhas, é um destes fenômenos singulares e complexos capazes de provocar desde as emoções mais genuínas até as reações políticas mais oportunistas.

Acidentes acontecem, pelos motivos mais variados. É o imponderável, que faz parte do mundo e do risco de estar no mundo. O jornalismo insiste em nos contar estas perdas. Paradoxalmente, essas narrativas cumprem a função existencial de recolocar as coisas, ainda que momentaneamente, em seus lugares: “estou vivo, devo viver intensamente, talvez precise rever meus valores”. O acidente da TAM gera interesse, no leitor, pelo inusitado e por objetivar o fato de que sua vida tem valor. Por isso, os desdobramentos deste caso continuam a gerar interesse por muito tempo.

Erra quem imagina o jornalismo como um serviço meramente factual. Um prédio que arde, na tela da TV, com a asa de um avião projetada para fora, sem que saibamos quantas e quais pessoas estão lá dentro não nos afeta da mesma forma que uma eleição presidencial ou

o índice da Bolsa de Valores. Estamos falando da morte contra a qual tentamos desesperadamente lutar e que está ali, objetivada.

As redes de televisão, naquele 17 de julho, cobriram o fato como podiam – e revelaram uma fragilidade quase amadora diante da realidade. O plantão da Globo, que entrou no ar poucos minutos depois do acidente, não tinha a dimensão da tragédia que pegou a maior rede de televisão brasileira despreparada. Terminado o Jornal Nacional, a Rede Globo voltou à sua programação normal, enquanto um país atônito buscava informação em qualquer outro lugar. Péssima decisão editorial.

Os três maiores portais – UOL, Terra e Globo

– fizeram o que é de praxe no jornalismo online: informação aos pedaços e descontextualizada, ainda assim atualizada, que o leitor monta pouco a pouco. Cada um destes portais tinha uma ou outra vantagem sobre os demais, e ganhou quem acompanhou os três ao mesmo tempo, montando seu próprio jogo informativo. O acidente do voo 3054 também serviu para testar a credibilidade do jornalismo colaborativo. UOL, Terra e Globo chamavam em suas capas para a colaboração dos internautas que quisessem enviar textos ou imagens sobre o acidente. Tivemos o primeiro caso de fraude por manipulação de imagem postada por um leitor no UOL, retirada apenas depois da denúncia de

diversas pessoas.

De forma geral, o que se viu nos dias seguintes ao acidente foi uma mídia que transitou entre a inexperiência e o oportunismo, com honrosas exceções, tratando do fato como se ele tivesse uma causa única. Os especialistas foram chamados a opinar, pois são as fontes especializadas que asseguram ao jornalismo os efeitos de verdade. De imediato, especialistas cujos interesses deveriam ser questionados elegeram a falta de ranhuras na pista de Congonhas como “a causa” do acidente – e o governo federal como “o culpado”.

O jornalismo, cuja função pública é mediar esses conhecimentos e produzir um discurso responsável e plural sobre a realidade, só mais tarde, vencido pelas evidências desta mesma realidade – os dados extraídos da caixa-preta, as imagens do pouso gravadas pela Infraero e outras informações –, expandiu as causas do acidente para o campo da multiplicidade. A postura inicial da mídia neste caso revela que temos no Brasil, hegemonicamente, um jornalismo que não sabe ou não tem interesse em lidar com eventos complexos. Quando aí se misturam os elementos da política, é tarefa hercúlea, para o leitor, ter acesso à verdade dos fatos.

Marcia Benetti
Jornalista e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS

prêmio I

Professor da UFRGS é homenageado

► Jairton Dupont, professor associado do Departamento de Química Orgânica está entre os quinze pesquisadores brasileiros homenageados por sua contribuição significativa para o aumento da produção científica do país e pela formação de novos doutores. O Prêmio Scopus Brasil, promovido pela Editora Elsevier, com o apoio da Capes, foi entregue em agosto, em Brasília. O professor Dupont é licenciado em Química pela PUCRS, doutor em Química pela Universidade de Louis Pasteur, França, e pós-doutor no Dyson Perrins Laboratory, da Universidade de Oxford, Inglaterra. Desenvolve projetos de pesquisa em catálise, tendo publicado mais de 130 artigos em periódicos internacionais, sete patentes, seis capítulos em livros internacionais e um livro-texto de química organometálica para a graduação.

prêmio II

Dissertação sobre atleta cadeirante

► “O híbrido paraolímpico: ressignificando o corpo do atleta cadeirante” é o tema da dissertação de Varlei de Souza Novaes selecionada para receber o prêmio Literatura Esportiva, promovido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. O trabalho foi desenvolvido sob orientação da professora Silvana Goellner da Esf e trata dos corpos de atletas com deficiência física, que utilizam a cadeira de rodas como território de múltiplos significados e transgressões. A premiação ocorrerá durante o XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, que será realizado este mês em Recife.



CAMILA ROSS

saúde

UFRGS assume liderança com Farmácia Popular

► Começou a funcionar em agosto a Farmácia Popular da UFRGS, a primeira do país instalada em uma universidade. Criada pelo governo federal para ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais, a iniciativa tem a parceria da Fundação Oswaldo Cruz, órgão do Ministério da Saúde, que adquire os medicamentos de laboratórios farmacêuticos públicos ou do setor privado. A Farmácia Popular oferece descontos que chegam a 90% nos 94 remédios colocados à venda, sendo que os medicamentos comercializados atendem cerca de 80% das doenças que atingem a população. Conforme a farmacêutica responsável, Sara Maria Gallina, para adquirir os medicamentos é exigida a apresentação da receita, que pode ser de um médico filiado ao SUS ou particular. O órgão funcionará também como farmácia-escola da Universidade. A Farmácia Popular da UFRGS está localizada na rua Ramiro Barcelos, 2.500, no Campus Saúde, e funciona das 8h às 18h, de segunda a sexta-feira; e das 8h ao meio-dia, aos sábados.



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Museologia é um dos novos cursos da UFRGS

Novas graduações atendem demandas da sociedade

Candidatos ao Vestibular 2008 contarão com mais 90 vagas em três diferentes cursos

Fonoaudiologia, Museologia e Engenharia de Controle e Automação são os novos cursos de graduação da UFRGS aprovados pelo Conselho Universitário (Consun), sendo que cada um disponibilizará 30 vagas no próximo concurso vestibular.

Resultado do trabalho de uma comissão multidisciplinar, a graduação em Fonoaudiologia será gerida conjuntamente pela Faculdade de Odontologia e o Instituto de Psicologia. A grade curricular prevê um conjunto mínimo de 2.340 horas-aula de disciplinas, 1.050 horas de estágios complementares, 150 horas-aula de atividades complementares e mais 60 horas para estruturação de monografia.

O curso de Museologia atende à Política Nacional de Museus e irá proporcionar formação acadêmica específica de recursos humanos

qualificados. A graduação será desenvolvida nas dependências da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e terá duração mínima de quatro anos, com carga horária de 2.535 horas-aula. Segundo a secretária de Cultura do Estado, Mônica Leal, é com entusiasmo que a Secretaria recebe a notícia de que o Rio Grande do Sul poderá contar com mais um curso de graduação em Museologia: “A UFRGS está de parabéns pela efetivação desta iniciativa”.

Já a graduação em Engenharia de Controle e Automação partiu de uma iniciativa dos Departamentos de Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia Química, considerando a potencial demanda social por conta da instalação do pólo industrial de automação no estado. Para o presidente do Sindicato dos Engenheiros do RS, Joel Fischmann, a oferta de um curso de graduação numa nova modalidade da Engenharia é positiva, pois abre o leque de oportunidades no mercado profissional. Fischmann salientou, no entanto, que é indispensável que o curso obtenha reconhecimento junto ao Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea).

pesquisas

Hospital de Clínicas seleciona pacientes

► O Serviço de Medicina Interna do HCPA convida pessoas obesas, com idade entre 30 e 55 anos, sem doença cardíaca ou diabetes, para participar de estudo que avaliará o impacto de mudanças na alimentação e da realização de exercício físico sobre fatores de risco para desenvolvimento de doenças cardiovasculares e diabetes. A inscrição pode ser realizada pelo telefone celular 9707-7440. O Programa de Atendimento dos Transtornos de Ansiedade necessita de pessoas maiores de 18 anos para participação em estudo clínico sobre medicamento para o transtorno do pânico. Informações pelo telefone 8166-1210. O HCPA também está selecionando homens e mulheres com idade entre 18 e 60 anos, que apresentem tosse aguda e resfriado comum e não sejam fumantes, para participar de estudo desenvolvido com medicamento fitoterápico peitoral à base de mel, guaco e agrião. O contato pode ser feito pelos telefones 2101-8752 e 2101-8753.

bienal do livro

Editora marca presença

► De 13 a 23 deste mês, a Editora da UFRGS participará da XIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. O evento, considerado o maior do mercado editorial brasileiro, reunirá cerca de 950 expositores no Riocentro, entre editores, livreiros, agentes literários, importadores e exportadores do setor, entidades e órgãos ligados ao livro. Como tradicionalmente acontece, a Editora irá divulgar a produção acadêmica da Universidade no estande da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), juntamente com editoras de outras instituições de ensino superior, tais como USP, Unicamp, UnB, UFRJ, Unesp e UFSC.

vestibular

Edital 2008 já pode ser acessado

► Através do site www.ufrgs.br/vestibular/cv2008/ a Comissão Permanente de Seleção está divulgando o Edital com todas as informações referentes ao Concurso Vestibular 2008 da UFRGS. No endereço eletrônico os vestibulandos poderão acessar o Manual do Candidato, os programas de cada disciplina e a lista das leituras obrigatórias. As inscrições para o vestibular deverão ser feitas exclusivamente via Internet, no período de 5 de setembro a 4 de outubro, e as provas serão aplicadas de 6 a 9 de janeiro do próximo ano. Quem tiver dificuldade de acesso à rede poderá buscar orientação através dos telefones 3308-5905, 3308-5906 e 3308-5907.

moradia estudantil

Casa do Estudante recebe inscrições

► Até o dia 6 deste mês, a Casa do Estudante da Ufrgs (Ceufrgs), localizada no Campus Saúde (Rua São Manoel, 573 - bairro Santa Cecília), está recebendo inscrições de novos moradores. Podem concorrer às vagas estudantes de graduação da Universidade que residam fora de Porto Alegre. A Ceufrgs foi criada na década de 50 e, inicialmente, atendia apenas a estudantes do sexo feminino. Em 1977, a Casa instalou-se no atual endereço, num prédio cedido pela administração da Universidade. Hoje o espaço é gerido pelos próprios moradores, que dividem as tarefas do dia-a-dia. O edital do processo seletivo está disponível no site www.ufrgs.br/ceufrgs, e maiores informações serão fornecidas pelo telefone 3335-2144 (à noite) ou através do e-mail ceufrgs@ufrgs.br

prevenção

Ginástica laboral no HCPA

► Funcionários de diferentes setores do Hospital de Clínicas participam diariamente de um programa de ginástica laboral oferecido pelo órgão. A atividade é coordenada pelo Setor de Educação Postural e Ginástica Laboral da Fisioterapia e foi implantada em 1996, quando se percebeu que o setor de processamento de roupas tinha muitos funcionários com dores na coluna, ombros e pulsos, em função do peso de lençóis e cobertores molhados. Segundo Rosane Maria Nery, professora de educação física e coordenadora do projeto, o HCPA disponibiliza a ginástica laboral a todos servidores em caráter preventivo. Diariamente são realizados exercícios de dez a quinze minutos no próprio ambiente de trabalho. No mês de julho, a atividade atendeu 9.593 pessoas, com aulas nos três turnos.



Faça parte do JU

O Jornal da Universidade está aberto a colaborações de professores, técnicos e estudantes. Participe enviando sugestões de pauta ou textos assinados.

O material pode ser encaminhado através do e-mail jornal@ufrgs.br.



Ginástica laboral reduz riscos de problemas de saúde

CAMILA ROSS



POR QUE MANTER O MURO DA MAUÁ



ILUSTRAÇÃO: CARLOS EDUARDO GALON/NO

Há pouco tempo, a discussão sobre a permanência ou retirada do muro da Mauá voltou a ganhar espaço nos jornais e nos debates na Administração Municipal. Os defensores da remoção do muro, que é na verdade parte de um sistema de diques criado

para evitar enchentes, argumentam que o obstáculo não provou até agora sua eficácia e que sua existência impede os porto-alegrenses de usufruírem das belezas do cais do porto. Do outro lado, especialistas afirmam que a retirada do muro, sem a construção de outro sis-

tema protetor, deixaria a cidade vulnerável às inundações, causando grandes prejuízos ao comércio e aos moradores do Centro da capital. Para analisar a questão com o devido cuidado, o Jornal da Universidade convidou os professores Nelson Gruber, do Instituto de Geociências; e Carlos

Tucci, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas. As opiniões dos dois especialistas apontam para a complexidade da questão, indicando que a decisão não poderá ser tomada com base em questões meramente estéticas ou buscando atender interesses comerciais.

Feio, mas útil

Nelson Luiz Sambaqui Gruber*

Muito tem se falado sobre o muro da Mauá em Porto Alegre. “Proteção contra enchentes como a de 1941, que não mais aconteceram naquela magnitude; muro feio, que nos separa das paisagens e do pôr-do-sol do Lago Guaíba; falta de integração com o Centro da cidade; barreira que esconde os equipamentos urbanos ociosos do cais da Mauá, doados ao patrimônio histórico-cultural da capital”. Boa parte da população é favorável à retirada do muro. No entanto, algumas reflexões são necessárias, avaliando a geografia e a evolução urbana de Porto Alegre, a fim de testar estas afirmações e a pertinência do sistema de proteção no atual contexto.

O muro da Mauá faz parte de um sistema de defesa contra enchentes, construído em 1971 pelo DNOS, hoje a cargo do Departamento de Esgotos Pluviais (DEP), representando apenas 4% do sistema, que envolve outras obras, como diques, comportas e mais 18 casas de bombas no entorno da cidade. O risco de enchentes é grande pelo fato do Delta do Guaíba, responsável pela drenagem de 30% da área do Rio Grande do Sul, escoar através de um estreito canal de 900m de largura, coincidindo com o ponto de maior re-

presamento das águas no lago Guaíba, junto ao porto, com o local de maior densidade urbana, o Centro da capital. Aí, a impermeabilização do solo, aliada à topografia daquele local, favorece a concentração e represamento nas áreas deprimidas, junto ao Guaíba.

Além disso, o desnível de apenas 3m em 300 km, da laguna dos Patos entre Porto Alegre e Rio Grande, permite o represamento das águas no lago Guaíba pelos ventos do quadrante sul, situação agravada em eventos de enchente. Somando-se a isso o quadro de aquecimento global, as possibilidades de enchentes com concentração de precipitação em regiões restritas aumentam.

No entanto, há dúvidas quanto à eficiência do muro, frente ao crescimento urbano e à impermeabilização do Centro. Ele funcionaria hoje, tendo em vista outros problemas no sistema de drenagem pluvial na cidade? As comportas selariam o sistema? Até que ponto, o sistema teria competência para bombeamento num ní-

Fica o muro e faltam projetos de modernização econômica, cultural e paisagística

vel de enchente para o recalque, por um longo tempo, acima dos esgotos em caso de transbordamento do Guaíba? Teria esse sistema sido testado ou reavaliado em seu dimensionamento para a realidade atual, considerando a impermeabilização, a rede de esgotos pluviais e os alagamentos no setor “deprimido” do Centro? Por outro lado, a ferrovia para o Trensurb tirou a exclusividade de isolamento da cidade do Guaíba, atribuída ao muro da Mauá. Embora todas as críticas e iniciativas de integrar/entregar Porto Alegre ao Lago, não há, até o momento, um estudo ou projeto integrado de revitalização da orla do Guaíba. Mesmo o projeto Orla, elaborado pela Prefeitura em 2003, e revisto por Castelo Branco Filho em 2005, é um diagnóstico e as propostas são incipientes. Ignora-se projeto do governo federal que contemple propostas integradas nos níveis, federal, estadual e municipal a fim de resolver questões de diferentes políticas para a gestão da

faixa de orla. O cais da Mauá foi tombado pelo Patrimônio Histórico e cedido ao município. No entanto, faltam políticas e projetos que envolvam ou revitalizem o centro histórico, as atividades culturais da capital e a extensão da orla do Guaíba.

O terminal portuário estratégico de Porto Alegre está subutilizado, mesmo em pleno processo de revitalização dos portos e hidrovias no país, com vultosos investimentos do governo federal, através do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). Há carência de uma política clara para o porto nos terminais Marcílio Dias e Navegantes e para as hidrovias.

Conclusão: fica o muro e faltam projetos de modernização econômica, cultural e paisagística para o Centro da cidade. Quanto à orla e ao terminal portuário, também carecemos de proposições que nos tornem uma metrópole moderna e de economia forte, revitalizando o Centro e as áreas do porto. Por todos estes motivos, cremos que não dá para prescindir do muro. Feio, mas útil. Isso se o sistema funcionar, quando for necessário.

* Professor de Geografia e diretor do Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (Ceco)

Proteção contra inundações no Guaíba

Carlos E. M. Tucci*

A existência do muro da Mauá está novamente em discussão! O que tem motivado este debate é a falta de uma integração urbano-paisagística na área central do porto da cidade e do dique de proteção contra inundações, paralelo à avenida Mauá. Os principais argumentos têm sido de que a população não se relaciona com o rio em termos de visual e proximidade, impedida pelo muro.

O dique foi construído na década de 70 pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento, extinto nos anos 90, e posteriormente transferido para a prefeitura. Possui vários quilômetros ao longo da cidade, dos quais apenas a parte central é de concreto (2,6 km). No restante, é de enrocamento – terra e pedras – como na Praia de Belas, sobre o qual existe uma avenida. No trecho central em concreto o dique segue paralelo ao Trensurb por 1,6 km, ficando visível a parcela de 1 km com três portões. Este é o trecho que ganhou a denominação acima.

A barreira foi erguida para proteger contra as inundações do Delta do Jacuí (área da bacia de

80 mil km²), que ocorreram por várias vezes ao longo do século passado, principalmente a de 1941, que teve um grande impacto econômico sobre o centro da cidade. Para este tipo de inundação, numa bacia como a mencionada, existem duas opções em termos de medidas não-estruturais: a convivência com as inundações, ou seja, a população deverá ser alertada quando chega a inundação e se retirar quando isto ocorrer, aceitando os prejuízos decorrentes e transferindo gradualmente a cidade para locais seguros; ou a construção de reservatórios e diques, mudanças de canais etc. A convivência com as inundações é adotada quando os custos dos prejuízos são inferiores aos das obras de proteção. Para a situação de Porto Alegre a única solução estrutural técnico-econômica viável é o uso de dique. Os pre-

Para a situação de Porto Alegre a única solução viável é o uso de dique

juízos de inundação na área central em bens materiais, tempo de interrupção de serviços (a duração da inundação é superior a 30 dias), entre outros, ultrapassam o custo do dique. Esta é a razão porque o mesmo foi construído.

O risco de inundação não se alterou, apenas existem mais informações para ajustar os modelos estatísticos e determinar a sua chance de ocorrência. Na área central de Porto Alegre, o risco de ocorrência dos níveis que produzem inundação começa em cerca de 10 anos ou 10% de chance de ocorrer num ano qualquer. Para uma cheia de 20 anos, que atingiria parte do centro, se não houvesse o dique, a sua chance é de 5% num ano qualquer e de 60% nos próximos 10 anos.

A mudança da proteção da população (retirada do dique) não pode ser decidida por maio-

ria, pois envolve responsabilidades com relação à proteção já existente. No caso do Poder Público, seja qual for o nível, ao alterar este risco estará se responsabilizando por todos os prejuízos da população hoje protegida.

Na realidade, o que a população deseja é a revitalização da área para melhor uso comercial e de lazer, procurando integrar o dique a este projeto sem que seja potencializado o risco de inundações. Atualmente, os armazéns do porto não permitem contato visual e não podem ser modificados, pois estão tombados pelo patrimônio histórico. O acesso pode ser melhorado pela construção de maior número de entradas e modernização dos sistemas de portões, que permita atualizar a segurança do complexo.

Logo, a discussão está com o foco errado e deveria estar voltada para a revitalização no porto, com a instalação de equipamentos urbanos adaptados aos riscos de inundação.

* Professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas

Às vésperas do apagão das escolas de pilotos

Crise aérea

Instrutor de voo reclama da falta de apoio oficial à formação de pilotos brasileiros

Jacira Cabral da Silveira

O ano de 2007 vem sendo marcado pelo chamado apagão aéreo em consequência da falta de infra-estrutura aeroportuária, da carência de melhoria dos aeroportos, e pelo freio das empresas aéreas em busca da garantia de suas margens de lucro. Mas para o instrutor de voo Sérgio Machado está em vias de ocorrer outro apagão, agora na formação profissional. Professor de pilotagem há 20 anos na Escola Aeronáutica Civil do Aeroclube do Rio Grande do Sul (ARGS), Machado afirma que este não se restringirá à formação de pilotos, mas também de mecânicos, despachantes e comissários. Segundo ele, existem hoje no Brasil 180 aeroclubes dos quais 95% são deficientes na sua vocação e capacidade.

“Todos padecem de inanição, seja de elemento humano para dar formação adequada, seja de equipamento com este mesmo objetivo. Os poucos que lutam para oferecer esta qualidade sofrem a concorrência daqueles que não fazem nada para isto, e que, na disputa por alunos, baixam seus preços, nivelando por baixo,” reclama. Na avaliação do instrutor, que também ministra aulas no curso superior de aviação numa instituição privada, estes aeroclubes funcionam mais como clubes de passeio de finais de semana: “Não são escolas”, adverte.

A formação de pilotos do Aeroclube do Rio Grande do Sul é considerada uma das melhores do país, tendo reconhecimento internacional. Mesmo assim, Machado identifica deficiências que acabam limitando a ação pedagógica da escola. Uma delas é a falta de definição oficial de financiamento efetivo no setor de formação de pilotagem. Outro problema é a carência de fiscalização eficiente para manter e modernizar as poucas escolas sérias com real interesse em qualificar seu trabalho para atender melhor os requisitos atuais e futuros da aviação. “Estas condições seriam aviões melhor equipados, simuladores de vôos mais modernos, capacidade econômico-financeira para manter profissionais de alto quilate aqui dentro”, enumera.

Hoje em dia, as aeronaves utilizadas pelos aeroclubes brasileiros para instrução de pilotos têm, em sua maioria, tecnologia com mais de 20 anos. Alguns possuem equipamentos defasados em 60 anos. Conforme Machado, se os aeroclubes fossem aparelhar suas aeronaves com recursos digitais, gastariam em torno de 18 mil dólares com cada equipamento. Valor que seria repassado aos alunos, aumentando ainda mais o custo dos cursos que já são caros. Por isso, ele reforça a necessidade do desenvolvimento de uma política de aviação brasileira que elegeesse as quatro ou cinco melhores escolas do país, fornecendo equipamento para seus aviões. “Esta seria uma colaboração efetiva com o ensino de pilotagem aérea nacional.”

Defasagem tecnológica – Mesmo reconhecendo que, desde a década de 40, quando os aeroclubes foram criados em todo o território nacional, a formação dos pilotos atendia às necessidades e aos requisitos exigidos pela indústria do transporte aéreo, Machado acredita que a falta de atualização tornou esta formação defasada com relação à demanda desse mesmo mercado.

Conforme o instrutor, até a década de 80, havia uma assistência maior por parte do departamento de aviação civil, através do Ministério da Aeronáutica. Eram repassados recursos, tanto para melhorar os equipamentos quanto para a qualificação dos instrutores de voo ou dos professores de teoria de voo. “Hoje é difícil uma instituição de formação de pilotos ter excelentes profissionais, porque eles vão embora em busca de salários melhores nas grandes empresas.” Como consequência, o que se pratica é uma formação fragilizada do ponto de vista técnico e humano, que acaba demandando preparo posterior destes pilotos nas empresas comerciais onde forem trabalhar.

Antes o setor estava mais regrado: “Embora pudéssemos prever o que está ocorrendo hoje, se vivenciava uma situação estável, seja na área dos controladores de voo, da segurança do transporte aéreo; seja na área da previsibilidade das instituições de ensino que recebiam verbas razoavelmente regulares. Entre 2002 e 2003, o Aeroclube/RS recebeu cinco aviões novos fabricados pela Aeromot.” Cético, ele afirma que atualmente não há nenhuma perspectiva de receber novos equipamentos ou qualquer tipo de apoio para manter a estrutura dos aeroclubes. Só a escola de voo gaúcha tem 42 hectares de terra e três hangares.

Além dos aeroclubes e das escolas de pilotagem, começaram a ser criados no país cursos universitários para a formação de pilotos. Machado explica ainda que coube ao setor privado antecipar-se nesse sentido. “Foram as próprias universidades que entraram em contato com as empresas aéreas e com as instituições tradicionais de ensino de voo para elaborar um currículo a ser apresentado ao MEC.”

Apesar da graduação na área não ser uma exigência para o exercício profissional de pilotos no Brasil, Machado acredita que logo esta situação vai mudar. Segundo ele, há uma recomendação internacional de que os pilotos tenham formação mais aprofundada, mas não necessariamente em instituições de nível superior. Ele comenta que existem experiências em outros países, onde são captados profissionais egressos das Forças Aéreas que já possuem formação considerada de nível superior. “Mas eles atuam na área de engenharia aeronáutica.”

Essas especificações, no entanto, ainda não são claras devido ao descompasso existente entre o preparo de profissionais habilitados para formar pilotos e a rapidez com que a tecnologia avança na indústria de transporte aéreo, constantemente inovando máquinas e equipamentos. No caso dos cursos superiores brasileiros, a exemplo do que ocorre no aeroclube gaúcho, o ensino prático é realizado nas pistas dos aeroclubes e as aulas teóricas nos campi universitários.

Novo papel do piloto – Na opinião de Sérgio Machado, o papel do piloto de aeronave comercial tem se



Equipamentos defasados e falta de investimento comprometem formação de pilotos

DOMINIC MOREL

transformado. “Eles são muito mais gerentes de um modal de transporte do que propriamente aquele piloto que, em épocas passadas, tinha suas atividades restritas à habilidade do ponto de vista operacional. Eram indivíduos com sensibilidade suficiente para pilotar uma aeronave, utilizando apenas cérebro e músculos.” Hoje, operacionalmente falando, parte do cérebro do piloto foi transferida para os computadores.

“Em tempos passados, um piloto poderia raciocinar na velocidade proporcional à velocidade média dos aviões da época, em torno de 350 a 400 quilômetros por hora. Atualmente, a velocidade de raciocínio necessária aos pilotos das aeronaves de grande porte praticamente triplicou. Isso implica em indivíduos melhor preparados.” Nesse sentido, o instrutor defende a criação de cursos de nível superior para pilotos, tanto em universidade quanto nas tradicionais escolas de voo devidamente amparadas pelo poder público: “Hoje, devido às limitações já citadas, nenhum aeroclube tem condições de contratar instrutores habilitados a dar formação intelectual a seus pilotos. Não há cativeiro econômico para tais contratações.”

Capacitação de profissionais tem custo elevado

O Aeroclube do Rio Grande do Sul foi fundado em 24 de maio de 1933 e, a partir de 1979, quando mudou sua sede do município de Canoas para o bairro Belém Novo, em Porto Alegre, as atividades acadêmicas passaram a pautar a quase totalidade do seu trabalho. É lá que, há 20 anos, Sérgio Machado ministra aula para pilotos, e diz reconhecer em cada novo aluno o perfil dos voadores.

São moças ou rapazes, entre 17 e 21 anos físsurados em avião, que não gostam de viver confinados e procuram estar sempre em movimento, descortinando novos horizontes: “Pessoas que gostam da idéia de tomar café da manhã em Porto Alegre e jantar em Nova York”. Mas não pode faltar inteligência abstrata para operar equipamentos eletrônicos, ressalta o instrutor.

O primeiro vôo solo é realizado aos 18 anos, quando o aprendiz já tem idade para assumir suas responsabilidades cívicas. Um dos primeiros cursos é o de piloto privado que, na verdade, é um curso amador que habilita o estudante à pilotagem de avião privado de uso

pessoal, sendo proibido fazer uso comercial. Para ingressar em uma empresa de aviação comercial é necessário fazer um curso de especialização – como piloto por instrumento ou habilitação para pilotar aeronaves multimotoras. Mais recentemente, as empresas aéreas passaram a exigir um bom conhecimento de inglês.

Machado acrescenta que o Aeroclube oferece no total 15 modalidades de cursos, mas para aqueles que desejam ser pilotos de vôos comerciais, esta formação leva de três a quatro anos e tem um custo total de R\$ 100 mil, somando aeroclube e ensino universitário. Caso o aluno abrir mão do nível superior, gastará em torno de R\$ 60 mil. A Escola Aeronáutica Civil, que desde 1986 é reconhecida como sendo uma entidade de Utilidade Pública Federal, detém o maior índice de ex-alunos atuando como profissionais na aviação comercial e já recebeu o Prêmio de Segurança de Vôo Alberto Santos-Dumont, conferido pelo 5º Comando Aéreo da Região Sul (Comar).

Luz, câmera, ação!

Comunicação

Lançada há dois anos, UFRGS TV estreia novo programa

Neste mês, a UFRGS TV, o mais novo veículo de comunicação da Universidade, estará completando dois anos de atividade. Inaugurada oficialmente em 26 de setembro de 2005, a unidade produtora de TV é parte integrante da Secretaria de Comunicação da UFRGS (Secom) e funciona no térreo do prédio da Rádio da Universidade, no Campus Centro. Os programas são veiculados pela UNITV, canal 15 da NET.

O início dos trabalhos se deu quando a antiga Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA) assinou um convênio com a Universidade para cedência de equipamentos. As primeiras equipes eram formadas por estudantes da disciplina de Projeto Experimental IV (Especialização), do curso de Jornalismo. A idéia era que, a cada semestre, a equipe fosse trocada, aproveitando os alunos matriculados na disciplina. Ao mesmo tempo, surgiram alunos que se interessaram pelo projeto de estruturação, tornando-se os primeiros bolsistas do setor. Dois meses depois da inauguração, estreou o primeiro programa produzido pela televisão da Universidade. A proposta original, ainda mantida, era produzir dois programas: uma agen-

da, mostrando os principais acontecimentos na UFRGS; e outro programa para divulgar a produção de diferentes setores da Universidade. Com isso, desenvolveu-se uma metodologia de produção que foi incorporada e hoje se tornou padrão.

A produção dos programas – *Acontece na UFRGS* e *Conhecendo a UFRGS* são os dois programas produzidos pela equipe, que hoje conta com dois profissionais, 15 bolsistas dos três cursos de Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas), e um estudante que começou como bolsista e foi contratado pela TV. O *Acontece* veicula matérias de curta duração sobre eventos realizados na reitoria e nas unidades da Universidade. Já o *Conhecendo* apresenta aos telespectadores, através de reportagens e entrevistas, o funcionamento de projetos e serviços, tais como laboratórios, pesquisas e projetos de extensão.

O espaço da Universidade na UNITV é de 30 minutos nas terças, quintas e sextas-feiras. Os dois programas são exibidos terças e quintas-feiras, das 21h30min às 22h. Às sextas-feiras, no mesmo horário, são veiculados programas especiais que se alternam durante o mês.

Segundo o diretor de produção da UFRGS TV, Paulo Cabral, o objetivo é divulgar a produção acadêmica, os serviços, a pesquisa, o ensino e a extensão da Universidade. “Nossa linha editorial procura divulgar o que é produzido em termos de conhecimento, de ação com a comunidade”, destaca.

Além disso, o espaço proporciona prática profissional aos alunos da



UFRGS na área de produção audiovisual. “A TV também tem como proposta ser um laboratório em que o aluno pode tocar, mexer, utilizar a ferramenta de trabalho. Ele chega aqui, passa por um processo de aprendizado, desenvolvendo toda a parte teórica essencial, os fundamentos de roteiro, de produção, de captação e de edição. Depois disso, o aluno é inserido na rotina de trabalho da UFRGS TV”, explica Paulo.

A estrutura da TV ocupa duas salas e ainda não dispõe de um estúdio adequado para as gravações. Mas, de acordo com Paulo Cabral, isso não é problema. “O nosso estúdio é a UFRGS, são os *campi*, os laboratórios, as salas de aula, os pátios, os auditórios.”

Sobre o fato de trabalhar basicamente com estudantes bolsistas, Paulo acredita que isso não implica na produção de programas de menor qualidade. “Se não realizamos traba-

hlos num patamar extremamente profissional, nossa rotina de produção é profissional. E se não temos um padrão elevadíssimo, conseguimos um padrão de qualidade”, enfatiza. Os bolsistas são incentivados a se sentirem como profissionais e não como alunos. “A TV não é um exercício de sala de aula. Aqui os alunos são cobrados para que exercitem a sua responsabilidade profissional.”

Para Fernando Favaretto, gerente de jornalismo da UFRGS TV, a intenção é fazer o estudante atuar em diferentes etapas de produção. “Com equipes dinâmicas, fazemos com que os bolsistas participem de todos os processos, mesmo que demonstrem gosto ou habilidades para partes mais específicas.”

Novos projetos – A UFRGS TV prepara para este mês a estreia de mais uma produção. O *Multiponto* apre-

sentará uma reportagem aprofundada, enfocando trabalhos que já ultrapassaram as fronteiras da Universidade e possuem relação direta com a comunidade. O programa-piloto falará sobre como a urbanização interferiu no convívio dos animais silvestres, através de entrevistas com a professora Dirce Suertegaray, do Departamento de Geografia da UFRGS, e com integrantes dos grupos Macacos Urbanos e Borboletas de Porto Alegre, dos quais participam pessoas ligadas à comunidade universitária. O *Multiponto* também trará depoimentos da equipe do Hospital de Clínicas Veterinárias, responsável pela recuperação de animais silvestres. O novo programa será veiculado quinzenalmente, nas sextas-feiras, no horário das 21h30min.”

Para saber mais sobre a UFRGS TV, basta acessar o [site www.ufrgs.br/comunicacaosocial/ufrgstv](http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/ufrgstv).

Muito mais do que um bar

Memória

Cenário importante do movimento estudantil, Bar do Antônio completou 40 anos de existência

Não há quem tenha passado pela UFRGS, sem ter freqüentado, uma vez que seja, o famoso Bar do Antônio no Campus Centro. Localizado ao lado da Faculdade de Educação, o bar que hoje é basicamente local de alimentação, algumas vezes de estudo e outras tantas de conversas animadas, já serviu de base para a resistência do movimento estudantil durante a ditadura militar. No último dia 27 de agosto, o estabelecimento completou 40 anos de funcionamento.

Nos primeiros anos, o bar dividia espaço com o Centro Acadêmico Franklin Delano Roosevelt (CAFDR), da antiga Faculdade de Filosofia, que reunia diversos cursos, tanto da área de ciências humanas quanto da de exatas. Ao seu lado, ficava o prédio principal da faculdade, e atrás, onde hoje está localizada a Sala Redenção, funcionava a



Antônio em 1971, no bar que leva seu nome

Biblioteca Central da UFRGS.

O local era pequeno e não ocupava um terço da área construída. O tamanho reduzido, porém, não era empecilho para as acaloradas reuniões em que os rumos do movimento estudantil eram decididos. Ali, figuras que posteriormente se destacariam no cenário político e cultural planejavam estratégias de ação.

Antônio Pereira dos Santos passou a administrar o bar em 1967, aos 20 anos de idade. Português, de família com histórico no comércio, ele achava que, como não pôde seguir os estudos além do ensino fundamental, precisava buscar seu próprio sustento, deixando de trabalhar no balcão do bar que seu pai mantinha no Mercado Pú-

blico de Porto Alegre. Juntou suas economias e pediu dinheiro emprestado ao pai com a intenção de comprar seu próprio negócio. Apesar da pouca idade, não temia assumir a responsabilidade. “Quando vim para cá já tinha experiência, pois havia trabalhado por 10 anos com o meu pai. Comecei sabendo o que me esperava”, relembra.

No decorrer de quatro décadas, Antônio colecionou histórias, amigos, alguns dissabores e muitas conquistas. Entre as histórias, recorda da ocasião em que foi intimado a dar explicações na sede do Dops na Capital por ter servido café a estudantes que estavam aqurtelados no centro acadêmico. O momento mais difícil foi o incêndio do bar, ocorrido em 9 de de-

zembro de 1992. As chamas atingiram cerca de 80% do estabelecimento. Houve suspeita de incêndio criminoso e uma perícia chegou a ser feita, mas ninguém foi responsabilizado. O local permaneceu fechado para reconstrução até 11 de setembro de 1993, quando foi reaberto com uma festa.

Referência histórica – A importância do bar é recordada e destacada por todos que por ele passaram, mas principalmente por aqueles que utilizavam suas dependências para reuniões e manifestações durante a ditadura militar. O então estudante de História e hoje deputado estadual, Raul Pont, guarda com carinho a lembrança das ocasiões em que o espaço abrigou o movimento estudantil. “O bar e o CAFDR se confundiam, pois um era a extensão do outro. Um encontro no centro acadêmico continuava no bar e vice-versa. Com o golpe militar, a repressão e a delação soltas na Universidade, aqueles locais se transformaram numa trincheira da resistência.” Pont destaca o papel do bar na formação acadêmica e intelectual dos estudantes. “Ali era possível fazer a pergunta ou o questionamento que não se podia fazer em sala de aula. Falávamos ou cochichávamos coisas que nos espaços de classe estavam proibidas ou cerceadas. Ali, se substituiu o debate e a discussão ausentes na sala de aula. Programávamos passeatas, ações reivindicatórias e nos

municávamos com idéias e argumentos para o debate ideológico nas classes que assistíamos com professores alinhados com o golpe militar”, afirma.

Para o jornalista e artista plástico Enio Squeff, o bar do Antônio era basicamente um espaço de aprendizado. “Talvez ele se constituísse numa espécie de ágora. Nele transacionávamos nossas diferenças, mas discutíamos também nossas afinidades. Quanto a mim, sempre o tive como prolongamento da sala de aula, pois nele aprendi o que devia, principalmente em matéria de conduta ética”, recorda. Enio, que se formou em Jornalismo na UFRGS, guarda na lembrança uma época em que as utopias se contrapunham à realidade e isso transformava o bar em um local de aproximação entre todos. “Não vou dizer que o bar era o nosso ‘palco iluminado’, mas nós o tínhamos como nosso parlamento, casa de encontros, centro cultural e local dos bailinhos aos sábados à noite”, relembra.

Aos 60 anos, Antônio se diz um homem realizado. Viu seus dois filhos se formarem na Universidade e fica feliz com o crescimento pessoal de seus funcionários. “Tenho alegria no que faço e faço porque gosto. Talvez por isso esteja aqui há tanto tempo”, conclui.

Juliano Tatsch, estudante do 8º semestre de jornalismo da Fabico

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Especial

10
anos

Equipe (E para D) Jacira Cabral da Silveira, Caroline da Silva, Juliano Bruni Pereira, Ânia Chala, Juliano Tatsch e Sandra Salgado | Foto Flávio Dutra

Uma década fazendo a diferença

Caroline da Silva

“Um jornal com cara de jornal”, esse era o intuito ao criar o Jornal da Universidade. Ele nasceu de um Programa de Comunicação Integrada iniciado na primeira gestão da reitora Wrana Panizzi, coordenado pela professora Maria Helena Weber, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Fabico). Segundo ela, esse programa significava descobrir o que integraria a Universidade, os seus diversos públicos, e também projetá-la para além do seu ambiente.

Desde o primeiro número, lançado em setembro de 1997, Maria Helena defende que o mensário não é um boletim promocional e que todos os temas são de interesse da comunidade acadêmica. O formato *standard* foi escolhido por ter a característica dos grandes jornais do país. “O JU veio para fazer a diferença, sempre preocupado com um jornalismo de aprofundamento”, explica a professora, lembrando que o argumento para que ele fosse um grande jornal era de Sérgio Rosa, um homem de marketing. “O diagramador, Aníbal Bendatti, professor aposentado da Fabico, também dizia que um jornal grande é maravilhoso para trabalhar por ter cara de jornal – desde o formato, a diagramação, os títulos e a proposta. Por isso, ele chamava a atenção”, conta Maria Helena.

Agraciado com quatro prêmios, com reportagens reproduzidas no Jornal do Brasil e com muita receptividade no meio jornalístico, o JU acabou promovendo naturalmente a UFRGS. “A idéia era fazer renascer o próprio jornalismo”, diz a professora da Fabico, lembrando que a publicação contava com muitos bolsistas, principalmente no setor de fotografia: “o jornal era bom por causa deles também”.

De acordo com Maria Helena, que é Relações Públicas e trabalha com comunicação institucional, o JU tem continuidade e carrega consigo a marca da UFRGS porque não é um jornal de gestão, ele é *da Universidade*. “O nome desde o começo estava certo: ele não era um jornal somente da UFRGS, apenas da reitoria; era um jornal da Universidade.”

A Universidade impressa

Marcelo Spalding

Uma universidade é, por excelência, um universo, mas é tarefa da Universidade tornar-se cada vez mais voltada à comunidade, derrubando os densos muros que historicamente a separaram do cidadão comum, do ex-aluno ou daquele que sonhou, mas não conseguiu alcançá-la. A necessidade de aproximar a produção acadêmica do público em geral motivou o surgimento do Jornal da Universidade e ainda hoje move seu trabalho.

Tal preocupação fica visível na fala de Sandra de Deus, secretária de Comunicação da UFRGS, órgão ao qual o Jornal está vinculado: “o JU não é só das Ciências Humanas ou das Exatas e, por isso, o leitor pode ver que a cada edição ele faz um passeio pelas diferentes áreas da universidade”. A editora Ânia Chala concorda, salientando ainda que tudo o que acontece pode ser pauta, desde as pesquisas em desenvolvimento até as pessoas que fazem parte da comunidade universitária. “Também procuramos produzir matérias sobre temas do cotidiano, ouvindo a opinião de especialistas em questões relacionadas à política, economia, cultura e comportamento”, acrescenta a editora.

O informativo tem uma equipe de sete pessoas, sendo duas jornalistas da própria UFRGS, duas jornalistas contratadas, dois bolsistas da Fabico (Juliano Tatsch e Guilherme Resende) e um diagramador terceirizado.

Sandra Salgado, secretária de redação, é responsável pelos primeiros contatos, depois de definidas as reportagens que estarão no próximo número: “o que mais gosto é de ficar pendurada no telefone atrás dos outros, fazendo a produção das matérias. Por telefone fica mais difícil a pessoa dizer que não”, revela Sandra.

As repórteres Jacira Silveira e Caroline da Silva transformam projetos, pesquisas e eventos em matéria de jornal. Ambas são jornalistas contratadas. Caroline é ex-aluna da Fabico e colabora com o Jornal desde 2004, quando assinou pela primeira vez a coluna de resenhas. Ela orgulha-se de, desde aquela estréia, nunca ter deixado de fazê-las. Jacira já trabalhou nos jornais *Diário Catarinense* e *O Estado de Santa Catarina* e no jornal *Extra Classe* do Sindicato dos Professores (Sinpro). Para ela, o maior prazer em fazer o JU é a profundidade que se pode ter nas matérias: “cada entrevista é uma aula”, define. Feitas as entrevistas, tem início o que Jacira define como o trabalho solitário do repórter, já que a redação final é responsabilidade do autor. “Eu, por exemplo, até falo sozinha, para verificar se está fluindo.”

A fotografia merece capítulo à parte, pois não há um fotógrafo vinculado diretamente à equipe do Jornal. Conforme a editora, o JU tem a colaboração de Cadinho Andrade, fotógrafo

Imprensa Equipe conta como o JU é feito e aponta necessidade de melhorias

fo da Secom; e da bolsista de fotografia, Camila Ross, mas a maior parte das fotos é produzida pelo jornalista e fotógrafo Flávio Dutra, funcionário da Faculdade de Educação.

Com a aproximação do final de cada mês, tem início o trabalho do diagramador, Juliano Bruni Pereira, cuja missão é dar uma cara atraente para o jornal. Responsável pelo novo projeto gráfico do JU implantado em julho de 2005, ele também é jornalista formado pela Fabico.

Desde abril deste ano, a Gráfica da UFRGS imprime o jornal, o que reduziu os custos com o periódico. A diretora do órgão, Jussara Porto, diz que o trabalho leva em média três dias e revela um dado curioso: devido ao formato da publicação, sua dobra não é feita pelas máquinas, e sim manualmente pelos funcionários da Gráfica.

Impressos os 12 mil exemplares da tiragem mensal, tem início a distribuição. O funcionário da Secom, Arthur Bloise, se encarrega de enviar via correio cerca de 5 mil exemplares para um cadastro de assinantes e de distribuir os exemplares restantes entre as unidades, restaurantes e livrarias dos *campi*, além de alguns pontos culturais da cidade. Aí está um dos focos de reclamação – a pequena tiragem em comparação ao universo de pessoas que circulam pela UFRGS.

O professor do Instituto de Qui-

mica Eduardo Rolim de Oliveira, presidente da Associação de Docentes da UFRGS, elogia a diversidade do JU por abordar de forma ampla o que acontece na Universidade, mas queixa-se de que nem sempre é fácil encontrá-lo. A própria editora reconhece que a tiragem é pequena e aponta a Internet como forma de amenizar essa dificuldade. “Muitos alunos dizem preferir o jornal *on line*. Particularmente, adoro fazer o jornal impresso, mas sou uma entusiasta da rede pela possibilidade de ampliar o acesso às informações”.

Outra queixa comum, especialmente entre os estudantes, é a quantidade de páginas, menor do que demandaria uma instituição como a UFRGS. Marcus Vianna, estudante de História e membro da diretoria do DCE, acredita que o JU poderia ser mais aberto a divergências, opiniões e discussões de idéias, ainda que tenha avançado nos últimos tempos.

Sobre este aspecto, a secretária de Comunicação, Sandra de Deus lembra que “não se pode pensar que o jornal tenha que ter uma participação muito grande dos alunos, dos professores e dos técnicos, pois cada segmento tem o seu próprio informativo. Alguém poderá dizer que os professores têm mais espaço, porque damos destaque às pesquisas e projetos, mas acho que isso interessa aos alunos da UFRGS”. E complementa orgulhosa: “hoje ele é um jornal com personalidade muito própria, que faz escola aí fora e serve como modelo em universidades de todo o país”.

Como me tornei colaborador do JU Marcelo Spalding

Em outubro de 2005, a professora Sandra de Deus me convidou para escrever uma matéria sobre a Feira do Livro para o Jornal da Universidade. Confesso que sequer sabia que a Feira era pauta para o JU, mas fui à redação, orgulhoso. Ficou combinado que faria uma entrevista com o frei Rovílio Costa, patrono da feira daquele ano, acompanhado de uma aluna da Fabico e de um fotógrafo. O texto foi publicado com direito a destaque na capa e, pela primeira vez, vi meu nome assinando uma matéria de jornal de verdade. Um pouco por vaidade, muito por orgulho, continuei escrevendo ao longo dos anos 2006 e 2007, e hoje o Jornal da Universidade é meu elo com a profissão que escolhi por gosto e prazer, mas que não

me acolheu como desejava.

História mais interessante, porém, é a daquela menina que foi comigo entrevistar o frei Rovílio, a Carol. Desde 2004, ela fazia participações no Jornal, escrevendo resenhas dos lançamentos da Editora da UFRGS, e não parou mesmo quando foi para a Universidade Federal de Santa Catarina estudar cinema, nem às vésperas de sua formatura, nem quando terminou sua bolsa de extensão. Resultado: em meados deste ano foi contratada para a equipe permanente do jornal.

Conforme a editora, Ânia Chala, “o JU não é um veículo fechado, publicamos textos de estudantes, professores e técnicos, mas gostaríamos que essa participação fosse mais intensa.” E cita o

exemplo de uma aluna das Ciências Sociais, que enviou à redação um texto sobre a disputa entre pedestres e automóveis, e o viu publicado na edição seguinte. “Ela nem acreditou quando o material foi publicado”.

Desta forma, se você quer divulgar o resultado de suas pesquisas para esse universo que é a UFRGS, entre em contato com a redação, através do telefone 3308-3368. Se, mais do que isso, você estuda jornalismo ou gostaria de colaborar, visite a equipe e coloque-se à disposição, como a Carol e eu fizemos alguns anos atrás. Só recorrendo a alguns destes 20 mil alunos o Jornal conseguirá ter o tamanho que a UFRGS precisa e sua comunidade merece.



Fase final Funcionários da Gráfica da UFRGS trabalham na montagem do Jornal, antes do início da distribuição | Cadinho Andrade

A autonomia que não vem

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

Autonomia – universidade pública está em xeque foi a manchete da primeira edição do Jornal da Universidade, em setembro de 1997. À época, debatia-se a Emenda Constitucional 370 (PEC 370) proposta no Congresso, que previa modificação do artigo 207 da Constituição Federal, promovendo a autonomia universitária. “Interessa às Ifes estas alterações desde que, em paralelo à liberdade adquirida, fiquem garantidos pelo governo federal os recursos de capital para a autogestão, manutenção e custeio, inclusive de pessoal”, era o ponto crucial em defesa da autonomia referida no texto da matéria.

Na avaliação do reitor José Carlos Ferraz Hennemann, as universidades continuam numa situação de dependência total do MEC, tanto do ponto de vista decisório quanto orçamentário. Para o dirigente, a autonomia universitária deve ser entendida em suas várias faces. No que diz respeito à questão acadêmica, ele considera que a autonomia existe de forma bastante ampla na definição de áreas de atuação e de criação de cursos de graduação e pós-graduação, ainda que estes tenham que passar pelo crivo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). “Entretanto, quanto à autonomia de gestão financeira, patrimonial e de pessoal, a situação prossegue com amarrações pesadas, tornando bastante difícil o gerenciamento das universidades”, destaca o reitor.

O presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Arquimedes Diógenes Cilone, diz que a Comissão de Autonomia da Associação elaborou projeto com vistas a desenvolver, junto aos órgãos competentes, um novo marco legal para o sistema nacional de ensino superior brasileiro, respeitando a diversidade institucional das universidades (públicas, privadas, comunitárias, confessionais). Dessa forma, o controle social que hoje é restrito às universidades públicas se estenderia às instituições do setor privado. Outro objetivo da proposta é a ação conjunta das licenciaturas em todo o sistema de ensino superior no sentido de recuperar o

ensino básico nacional que, de acordo com a avaliação da Andifes, se constitui num dos principais problemas da educação brasileira, cabendo às universidades preparar os profissionais que atuarão no setor.

Lucio Hagemann, segundo vice-presidente da Associação de Docentes da UFRGS (Adufrgs), considera que a questão da autonomia universitária ainda não evoluiu nos termos constitucionais propostos originariamente. Entretanto, destaca como positiva a portaria que cria um banco de referência de vagas docentes, baseado em unidades de professores-equivalentes. A partir desta medida, cada universidade federal poderá gerenciar a contratação de professores através de concursos e provimento de cargos.

De acordo com o professor do departamento de Sociologia do IFCH, Renato de Oliveira, a discussão sobre universidade no Brasil não evoluiu. Há dez anos, quando presidia a Adufrgs, Renato concedeu entrevista ao Jornal da Universidade para a matéria sobre autonomia. Ao introduzir o tema, ele relembrou a linha doutrinária da Reforma Universitária do final dos anos 60, que trazia como orientação os acordos MEC-USAID (a agência dos Estados Unidos para o desenvolvimento internacional). Aquele foi o início da

Ensino superior
Para autoridades da comunidade universitária, instituições ainda são dependentes do Poder Executivo

clara influência do Banco Mundial sobre as instituições de ensino superior públicas do chamado Terceiro Mundo. “Esses acordos pouco ou nada tinham a ver com a realidade brasileira”, advertia o professor.

Mesmo reconhecendo que, dos anos 60/70 para cá, o Brasil desenvolveu uma rede de universidades que mobiliza grande quantidade de recursos e de pessoal, graças a um sistema altamente competente e de excelente performance, o sociólogo considera que as Ifes ainda sofrem as consequências de uma estrutura institucional de dependência “umbilical”

com o Poder Executivo. Conforme o professor, isso reflete uma visão distorcida sobre a natureza do Estado, na qual privilegia-se um dos poderes em detrimento de outros como, por exemplo, o Legislativo. “Enquanto esta idéia não for mudada, não teremos condições de pensar de forma conseqüente e madura o problema da autonomia universitária.”

Quando se fala em democracia e em autonomia, o prefeito do maior Campus da UFRGS, o engenheiro Rui Muniz associa tais questões à capacidade das Ifes no que diz respeito ao grau de liberdade dessas instituições e à responsabilidade de investimento do Estado. “Mas não é isto o que vem acontecendo”, critica. Para ele, as lógicas de mercantilização e flexibilização de currículos, e a dependência às empresas na determinação dos conteúdos a serem desenvolvidos nas universidades, evidencia a inexistência de um projeto para o país.

Inclusão aparente – Outra convergência na análise entre técnico e professor na proposição de políticas públicas para o ensino superior do governo Lula é a inclusão dos movimentos sociais na tentativa de justificar a reforma universitária.

Para Renato, se Fernando Henrique Cardoso teve dificuldade em de-

fender uma política universitária para os novos tempos, por ainda estar preso a uma concepção elitista de formação superior, com Lula, o Brasil experimentou uma militância social para a qual a universidade não possui nenhum valor intrínseco. “Isso porque sua legitimidade política consolidou-se sobre setores que estavam excluídos da sociedade”, explica. Em sua análise, tanto o ministro Cristovam Buarque como seu substituto, Tarso Genro, buscaram transformar as universidades públicas em mecanismos de integração simbólica da população excluída através, por exemplo, do sistema de cotas raciais e de iniciativas como o Programa Universidade para Todos (ProUni).

“Como conseqüência, ao incluir-se certos extratos sociais da comunidade negra, amortiza-se sua reivindicação natural, que seria a ampliação de vagas na universidade pública para que todos os negros pudessem disputar uma vaga nas Ifes.” Neste sentido, Renato de Oliveira afirma que as universidades públicas continuarão minoritárias e marginais como ocorre hoje. “Por outro lado, criam-se condições, através de subsídio estatal sob a forma de bolsas para os estudantes do ProUni, para a expansão da iniciativa privada.” Com isso, adverte Renato, reduz-se a pressão social sobre a expansão da universidade pública, canalizando-se para seu interior símbolos de integração social.

Essa inclusão aparente descrita pelo professor de Sociologia também é diagnosticada por Rui. Segundo ele, “só vieram para dentro das universidades as lideranças e não as bases sociais”. Conforme Rui, a inclusão surgiu através de disputas formais, que ocorreram nas estruturas de poder destes movimentos. Em atitude oposta, a Federação de Sindicatos de Trabalhadores de Universidades Brasileiras (Fasubra) desenvolveu na década de 90 o projeto Universidade Cidadã para os Trabalhadores, com o objetivo de integrar a sociedade e o meio acadêmico. Foram realizados debates para discutir para onde a universidade deve caminhar: “Mas não é só a academia que deve fazer isto”, argumenta o prefeito.

Jornal da UFRGS
Universidade
AUTONOMIA
Universidade pública
está em xeque



Reprodução de parte da capa da primeira edição do JU, setembro de 1997



FLÁVIO DUFRÁ/PROJETO CONTATO

Extinção de concurso para pessoal de nível de apoio favoreceu à terceirização

Falta estrutura e pessoal

Se, por um lado, a UFRGS está muito bem posicionada em termos de desenvolvimento científico, por outro, carece gravemente sob o ponto de vista de infra-estrutura devido à falta de investimentos federais. A avaliação é de Rui Muniz, que desde 2004 responde pela Prefeitura do Campus do Vale: "As universidades espelham o quanto o governo não provê recursos," denuncia.

Em seu gabinete com piso de tábuas cruas, aonde para chegar é preciso desviar das poças d'água que se formam no chão batido à entrada da Prefeitura, Rui comenta que encontrou a situação ainda mais precária, quando assumiu a administração. "Não havia equipamentos e tínhamos somente um banheiro para 50 mulheres."

Atualmente, todas as decisões no Campus mais distante da capital passam por uma discussão política e técnica em várias dimensões: as pessoas, as técnicas, as normas, legislação e o compromisso político. "Queremos buscar o desenvolvimento. Não podemos deixar o Campus do Vale, maior talvez do que 400 municípios gaúchos, numa condição de sucateamento e de 'desinvestimento' por muitos anos."

Além da questão de infra-estrutura, há o problema da escassez de pessoal. Segundo Rui, o governo FHC introduziu um conjunto de lógicas de relações de trabalho, sendo uma delas a extinção de concurso para nível de apoio (limpeza, auxiliares etc). Hoje, a média de idade dos servidores do Campus do Vale é de 49 anos, com 25 anos de carteira assinada: "Daqui há oito anos, não existirá mais servidor do quadro", preconiza o prefeito. Ele diz que não se trata de um problema localizado da administração da UFRGS e que falta disposição do Estado em liberar vagas, bem como entendimento de que as pessoas são estratégicas para garantir a continuidade dos processos acadêmicos. Soma-se a isso, o problema crônico de desvio de função que também acaba desestimulando o trabalhador, incitando-o a sonhar precocemente com a aposentadoria.

O professor de Sociologia Renato de Oliveira concorda com o perigo do desânimo entre os servidores das Ifes. Segundo ele, nos últimos anos, o professor universitário perdeu muito do amor próprio e tem diminuído o número de docentes que ainda demonstram entusiasmo com a profissão. Ele recorda o comentário de um colega que se questionava se iria ou não seguir o exemplo da mãe, professora alfabetizadora que decidiu aposentar-se mais cedo devido a sua descrença com o setor de ensino no Brasil: "Será que isso vai se repetir na minha carreira?," desabafou.

Na avaliação de Renato, tal quadro deve-se às condições salariais e à falta de estímulo. "O professor não percebe claramente qual é o retorno social de seu trabalho e, quando este retorno não ocorre, é preciso construí-lo individualmente dentro de um projeto pessoal. Mas é necessária energia para tanto, porque no projeto institucional de universidade não é possível perceber o retorno do trabalho realizado, assim como não é possível visualizá-lo na situação do país."

Entrevista Ronaldo Mota Secretário de Educação Superior

O secretário de Educação Superior do MEC, Ronaldo Mota, respondeu às perguntas que representantes da comunidade acadêmica da UFRGS fizeram na tentativa de compreender em que medida o atual governo vem trabalhando a questão da autonomia universitária.

Renato de Oliveira, professor
Como este governo pretende preparar a universidade brasileira para a sociedade do conhecimento?

RM – O governo federal tem a missão de dotar as Universidades Públicas, especificamente as Ifes, de condições, de definir e implementar políticas que estabeleçam coerência com os demais níveis de ensino. Por exemplo, a expansão e priorização da educação profissional e tecnológica; a formação de professores de Ciências, Português e Matemática; as ações de políticas afirmativas e de educação especial e a expansão em curso das Ifes representam um conjunto de ações sincronizadas que viabilizam um novo cenário, melhor para a educação no país. Assim, as ações em curso pretendem levar em conta a educação como um todo, e a educação superior em particular.

Rui Muniz, prefeito do Campus do Vale
Onde está colocada a perspectiva de investimento que garanta o desenvolvimento social, considerando que a reforma universitária não é apenas para quem está dentro da universidade?

RM – Os elementos do orçamento das Ifes, incluindo todos os planos de expansão, tanto de custeio quanto de investimento e pessoal, estão previstos explicitamente no Plano Plurianual (PPA), apresentado pelo Executivo ao Congresso Nacional para os próximos anos.

Diretório Central dos Estudantes da UFRGS

O Reuni conseguirá ampliar as vagas na educação superior pública com qualidade?

RM – As atuais arquiteturas acadêmicas incorporam currículos de graduação estreitos e rígidos, mui-

DIVULGAÇÃO / MEC



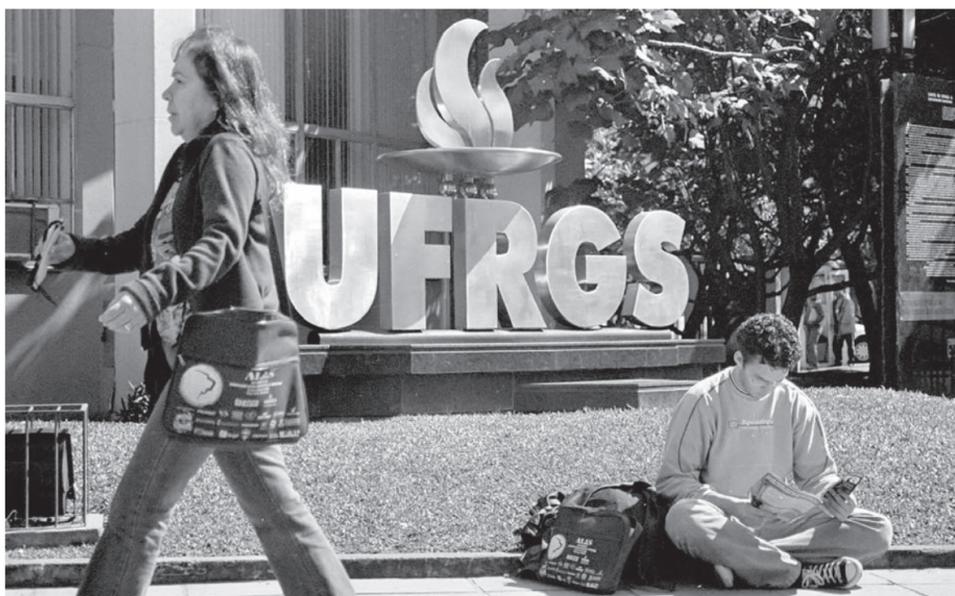
tas vezes fora de sintonia com as necessidades sociais, com as demandas do mundo do trabalho e com as expectativas dos profissionais. Entre outros aspectos, a excessiva precocidade na escolha de carreira e as dificuldades impostas à mobilidade de estudantes entre programas de formação e instituições de ensino contribuem para as elevadas taxas de evasão. O governo federal tem realizado um movimento de recuperação do orçamento das Ifes e deu início a um processo de expansão do sistema público federal de educação superior. O programa tem como meta a elevação dos indicadores de desempenho, de modo que a taxa de conclusão média dos cursos de graduação suba dos cerca de 60% para 90%, e a relação de professor por aluno de graduação passe de cerca de 9,8 a 18, ao final do período acordado, através de um Termo de Colaboração, entre o MEC e a universidade.

Jornal da Universidade

De que forma os artigos e decretos relativos ao ensino superior que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) põem em risco a manutenção do tripé - ensino, pesquisa e extensão - do ensino superior público brasileiro?

RM – O tripé ensino, pesquisa e extensão, relativo ao ensino superior, só tem a ganhar com o PDE. Dele fazem parte, além do Reuni, o banco de professores equivalentes. A autonomia universitária está claramente definida no texto constitucional, em seu art. 207, bem como reafirmada na LDB. Entretanto, no que concerne ao exercício pleno da autonomia de gestões administrativas, financeiras e patrimoniais das universidades federais, apesar da previsão legal da autonomia já estar estabelecida, faz-se ainda necessária a instituição de dispositivos normativos para a consecução deste fim. Nesse sentido, o MEC em articulação com Andifes, tem procurado rever as normas legais, através da edição de decretos e portarias que caminhem em direção à implementação efetiva da autonomia universitária.

“A excessiva precocidade na escolha de carreira e as dificuldades impostas à mobilidade de estudantes entre programas de formação e instituições de ensino contribuem para as elevadas taxas de evasão”



MATEIS BRINHEU/PROJETO CONTATO



Cientistas mapeiam a Antártica

Expedições

Desde 1997, pesquisadores da UFRGS estudam o continente gelado preocupados com o aquecimento global

Caroline da Silva

No primeiro número do Jornal da Universidade, lançado em setembro de 1997, havia uma matéria sobre a expedição que cientistas da UFRGS fariam à ilha Rei George na Antártica. A equipe, chefiada pelo glaciologista Jefferson Cardia Simões, ficaria na calota de gelo por 75 dias, entre novembro daquele ano e janeiro do seguinte. O foco daquela missão era investigar os efeitos das mudanças no clima mundial sobre o gelo do planeta. À época, o Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupac) do Instituto de Geociências chamava-se Laboratório de Pesquisas Antárticas e Glaciológicas. Hoje, ele está ampliado e envolve 26 pessoas, compreendendo também o Laboratório de Climatologia (Notos), comandado pelo professor do Departamento de Geografia Francisco Eliseu Aquino.

OJU conversou com esses dois pesquisadores integrantes da equipe de 1997 para saber como o estudo avançou nesses dez anos, já que 2007 é também o Ano Polar Internacional. Ambos ressaltaram a constituição do Nupac como centro de referência em gelo e neve dentro do Programa Antártico Brasileiro e da pesquisa do país nos dias atuais, o que leva a UFRGS a uma posição de destaque.

Através da sua pesquisa de mestrado, publicações científicas, dados meteorológicos e evidências de sedimentação marinha, o professor Aquino mostrou que o continente gelado serve de indicativo das mudanças no clima: “Concretamente, a península antártica é a região que mais aqueceu no planeta Terra nos últimos 50 anos, sofrendo uma elevação de temperatura por volta de 3°C. Em consequência disso, a paisagem mudou e agora existem áreas livres de gelo, onde o solo aflora. Além disso, apareceram musgos e líquens (uma espécie de grama de região polar), aves migratórias surgiram e também houve alterações nas migrações de colônias de pingüins”.

Simões e Aquino têm uma nova viagem à Antártica marcada para o final de outubro próximo. Eles embarcam para o Chile, onde se reunirão com uma equipe de americanos e chilenos para uma expedição internacional a ser comandada por eles. O glaciologista ficará com a coordenação-geral e o climatologista irá responder pela logística desta missão de campo, função que desempenhou há exatamente uma década. É nesta campanha que serão utilizadas pela primeira vez as seis motos de neve com trenós e equipamentos científicos adquiridos pela Universidade. “Recebemos treinamento de locomoção em motos de neve e somos o único grupo com esse tipo de veículo para uso científico no Brasil”, destaca Jefferson. Antigamente, os equipamentos das expedições eram adquiridos pela Marinha, encarregada da logística da expedição polar brasileira. “Hoje, a Marinha não quer mais se responsa-



A península antártica, ao longo das últimas cinco décadas, sofreu aumento de temperatura de 3°C

PAULA DEBIASI

bilizar por este tipo de equipamento em função dos conflitos de uso que surgiam”, conta o professor Francisco Aquino. As motos da UFRGS serão enviadas ao porto de Rio Grande dentro de um mês, a fim de serem embarcadas para a Antártica.

Pesquisa internacional – O Brasil é um dos dez países mais próximos da Antártica, sendo afetado pelas alterações climáticas. Mas o impacto das mudanças climáticas globais também repercute em países do hemisfério norte, como Estados Unidos e Rússia. Muitos dos fenômenos que se propagam entre os hemisférios têm origem no continente gelado, por isso essas nações investem em pesquisas sobre biodiversidade marinha, mudanças climáticas, camada de ozônio e monitoramento de geleiras. Com a criação de alguns grupos de excelência no país, como o Nupac, ampliaram-se as possibilidades de cooperação internacional. Em 1996, teve início a interação com um grupo de Geografia da Universidade de Freiburg, Alemanha. A missão realizada no ano seguinte foi germano-brasileira. “Nessa mesma época começamos também uma parceria com o Chile. A expedição internacional ao interior da Antártica em 2004/2005 foi liderada por esse país, através do Centro de Estudos Científicos de Valdivia, mas com efetiva participação brasileira. Tanto que, naquela ocasião, o professor Jefferson foi o primeiro cientista brasileiro a chegar ao pólo sul geográfico por meio terrestre”, relata Aquino.

Jefferson Simões diz que, pelo fato da pesquisa antártica e mesmo a glaciológica ser muito cara, a cooperação internacional é essencial. “Por isso, vejo com ótimos olhos a cooperação científica para o desenvolvimento da ciência e da humanidade em geral.” A UFRGS mantém cooperação com a Alemanha na parte de sensoriamento remoto, no uso de informações de satélite para monitoramento das geleiras do planeta, com o apoio da Agência Espacial Européia. O glaciologista conta ainda que a parceria com franceses e americanos permitiu a expansão na área de testemunhagem de gelo, isto é, a perfuração para cons-

truir a história climática e da química da atmosfera em diferentes escalas de tempo, considerada a técnica mais avançada da atualidade.

Também existe um trabalho conjunto com pesquisadores da Bolívia, da Argentina e da China. “Estamos abertos, enviando alunos para outros países sempre que possível. Acredito que um estágio sanduíche faz parte do doutorado, porque é essencial para ter uma visão mais ampla da ciência no exterior e fazer um *feedback* com a comunidade internacional”, avalia Simões.

Cooperando no Brasil – Francisco Aquino hoje é vice-coordenador do Projeto de Meteorologia Antártica, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). “Esperamos que, ao final deste ano de celebração da ciência antártica, possamos expandir os benefícios para o mundo todo. Já temos prevista para 2008/2009 uma nova expedição de campo a Patriot Hills, interior da Antártica, coordenada por nós. A liderança científica tem crescido por parte do Brasil, não só na área de glaciologia, mas também em climatologia e em grupos de oceanografia. Nosso horizonte é cada dia melhor, não só dentro da participação brasileira e internacional na Antártica, mas na Geografia e na UFRGS”, informa o pesquisador.

Conforme o professor, hoje o Nupac tem alunos que vêm da Engenharia Cartográfica, da Geologia, da Biologia, da Informática, constituindo-se como um centro inter e multidisciplinar. “Não estamos preocupados com quem é exatamente o profissional, encontramos demandas e necessidades que precisam ser resolvidas”.

Reconhecendo que ainda existem descobertas básicas a serem feitas, o professor Simões aproveita para fazer um convite aos colegas da área de Biologia: “A disciplina mais fraca do envolvimento da Universidade no Programa Antártico Brasileiro é a Biologia. É uma área na qual gostaríamos de ter mais participação não só do curso de Biologia Marinha, mas de todos os biólogos e do pessoal da Ecologia, para que a UFRGS tivesse uma presença também nesse campo”.

Dez anos olhando ao sul

O grande produto da missão de 1997 foi o mapa da ilha Rei George, publicado pela UFRGS e Universidade de Freiburg. Segundo os professores do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupac), Jefferson Simões e Francisco Aquino, foi a primeira vez que se mapeou a ilha completamente, com qualidade cartográfica, geodésica e geográfica. Por conta da facilidade de acesso por navio ou avião e devido ao clima mais ameno (por volta de 0° no verão, até -30° no inverno), a ilha Rei George é uma das mais visitadas por expedições científicas e inclusive por turistas.

A massa de gelo que cobre a ilha está posicionada numa região periférica da Antártica, sendo bastante sensível às mudanças climáticas. “Se o clima do planeta está mudando, esta região responde primeiramente. Se aquece, diminuem as massas de gelo; se esfria, elas se expandem”, explica o professor de Climatologia Aquino. Foi a partir do mapa elaborado em 1997 que os pesquisadores puderam ter a real dimensão das geleiras e, por conseguinte, medir com mais precisão o derretimento ou a diminuição da massa de gelo que chegou a até quase 7% até o momento.

O Laboratório de Climatologia da UFRGS chama-se *Notos*, que significa vento sul em grego. Segundo Aquino, a proposta é olhar a América do Sul e o seu contexto no hemisfério sul, conectando-a com a Antártica. “Há uma década, a pergunta era: como se processam as conexões entre a Antártica e a América do Sul? Hoje, um dos resultados apontados em minha tese de doutorado indica que os extremos de temperatura registrados na Antártica e no Rio Grande do Sul estão intimamente ligados”. A Antártica, pela sua dimensão (90% do gelo da Terra) controla sozinha grande parte da circulação atmosférica do hemisfério sul.

De acordo com Aquino, fenômenos como este inverno frio, recuperando invernos de 30 e 60 anos atrás, denotam que quando as interações são alteradas, há uma variabilidade maior no clima. Nos últimos dez anos, os nossos invernos ficaram até 1,5° mais quentes.

Isso se deu em função da diminuição das frentes frias, de intensidade menor e regularidade baixa – uma por mês, às vezes. Ao passo que agora temos duas frentes frias por semana. “O que nós entendemos é o seguinte: se existe mudança climática, a atmosfera responde, com a circulação. Então a passagem e intensidade dessas frentes em algumas regiões como o Rio Grande do Sul pode estar sendo alterada por essa re-ordenação do sistema natural do clima”, enfatiza.

Para Jefferson Simões, o diferencial do Nupac é ser um centro de referência do clima aqui no Brasil voltado para o sul: “A maioria dos climatólogos, meteorologistas e cientistas olham para o norte, com o mito do país tropical. Nosso interesse é ver as interações com nosso estado”. Conforme o glaciologista, o objetivo é melhorar as previsões, porque os estudos para o Atlântico Sul ainda estão muito aquém das necessidades.

Saiba mais

www.ufrgs.br/antartica/

www.cptec.inpe.br/antartica/

www.ultimafronteira.com.br/

http://memoria.cnpq.br/areas/terra_meioambiente/proantar/index.htm

www.aad.gov.au/asset/webcams/mawson/

El Ártico y la Antártida em las relaciones internacionales (Ed. UFRGS, 2004, 103 págs.)

O livro da professora de Relações Internacionais da Universidade de Rosário (ARG) e pesquisadora associada do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT/UFRGS), Miryam Colacrai, traz um capítulo dedicado às questões ambientais polares e também à pesquisa derivada da cooperação internacional.



O fim da clonagem de cartões

Segurança Aluna da Universidade cria dispositivo antifraude bancária

Caroline da Silva

O problema da clonagem de cartões magnéticos via caixas de atendimento automático já tem solução. E o nome da saída é Alice Alves Costa Martins. Pelo menos é o nome que consta na patente do dispositivo antifraude bancária, juntamente com o de Joseph Elbling, inventor, detentor de diversas patentes e fundador da empresa em que Alice estagia. A estudante do 10º semestre de Engenharia Elétrica da UFRGS desenvolveu um produto que inviabiliza a ação do chamado “chupa-cabra”, mecanismo que rouba os dados dos cartões utilizados nos terminais eletrônicos dos bancos. O dispositivo é o trabalho de conclusão do curso de graduação da aluna, orientado pelo professor Gilson Wirth, do departamento de Engenharia Elétrica. “Inventamos o mecanismo simplesmente pela carência do mercado, porque ninguém tinha feito nada parecido e que funcionasse”, justifica Alice. Para Elbling, os caixas eletrônicos viraram moda no Brasil, e quase todo dinheiro que o brasileiro tem na carteira vem desses terminais. Por isso, o dispositivo precisava ser desenvolvido rapidamente ou os prejuízos se tornariam intoleráveis.

A fraude é feita da seguinte forma: os ladrões fixam uma carcaça falsa exatamente em cima da leitora do cartão e inutilizam os outros caixas, para que os usuários só possam fazer uso daquele terminal. Na leitora, existe uma cabeça magnética que lê todos os dados dos cartões. O estelionatário liga a cabeça magnética a uma placa, onde há um microprocessador que salva os dados. Na tarja magné-



Estudante de Engenharia Elétrica, Alice trocou Minas Gerais pelo Rio Grande do Sul

ca do cartão está gravada uma sequência numérica – são três linhas que diferenciam todos os cartões –, e tanto o banco quanto o fraudador lêem essas informações. “Com a sequência numérica é possível fazer um cartão idêntico com a mesma tarja”, explica a estudante da UFRGS.

O método escuso não termina somente na cópia dos dados numéricos do cartão, pois para que a fraude esteja completa é preciso obter a senha e a sequência de letras. Essas informações são captadas por uma câmera semelhante a uma *webcam*, geralmente muito pequena, que pode ser camuflada numa caixa de folhetos ou atrás de um quadro. “É literalmente uma câmera escondida, posicionada de maneira a poder ver o teclado”, compara o professor Gilson. Ele esclarece que esses equipamentos têm dispositivo de memória

para armazenar a filmagem, possibilitando que a verificação se dê em um computador instalado em outro ambiente. Alice acrescenta que existe outra forma de obter esses dados: “Às vezes, uma sobreposição no painel esconde uma microcâmera que grava todos os dados através de um pequeno orifício”.

O professor e a estudante afirmam que a maioria dessas fraudes se dá em caixas eletrônicos de agência, durante os finais-de-semana. Os estelionatários atuam em locais nos quais podem entrar e encaixar esse “chupa-cabra” sem serem vistos. Gilson alerta para que os cuidados sejam redobrados em terminais externos, mais vulneráveis à ação dos criminosos.

O dispositivo criado pela aluna Alice e desenvolvido juntamente com os outros setores da equipe envolvida no projeto já vai para o mercado, pois a empresa em que ela trabalha fabrica terminais eletrônicos. Quando o ladrão instalar o “chupa-cabra”, o dispositivo emitirá um aviso e o caixa eletrônico será imediatamente desligado. Essa inviabilização será automática, respeitando o tempo mínimo de segurança exigido pelo banco. “Além disso, quando a fraude é detectada, o dispositivo atrapalha a leitura da cabeça magnética e o ladrão não consegue copiar mais nada”, explica a estagiária.

Papel da academia – O professor Gilson Wirth, da disciplina Microprocessadores I, destaca que o mérito desse produto é de Alice, pela sua iniciativa, mas assegura que foi a formação em Engenharia Elétrica que lhe deu condições de criar: “O principal feito é justamente o fato de um estudante graduado pela UFRGS, com os conhecimentos que adquiriu na Universidade ser capaz de fazer o trabalho que fez”. Gilson acredita que esse tipo de promoção é bom para a instituição, por mostrar que os alunos que estudam aqui têm *background* e que, unindo iniciativa e criatividade, podem desenvolver um produto com grande visibilidade. O equipamento é rentável para Alice, que pretende seguir carreira na área de consultoria – “meu sonho é trabalhar em uma das cinco maiores empresas do mundo” – e também

para a empresa onde é estagiária, que tem seu produto divulgado e pode potencializar as vendas. No entanto, o professor faz questão de frisar que não se tratou de um projeto conjunto: “quando ela me procurou, a idéia já estava madura, a patente já estava elaborada; não foi uma parceria tradicional na qual a gênese seria conjunta, isso se deu no trabalho de Alice na empresa”.

Para Marco Aurélio Freitas, gerente de Engenharia da Perto S/A, Alice é uma estagiária aplicada e receptiva às sugestões para a melhoria de seu produto. Joseph Elbling diz que a estudante gosta de estar envolvida em coisas inovadoras. Os dois são categóricos ao afirmar que a estagiária trabalhou muitas horas nesse projeto, que a formação universitária é essencial e que o conhecimento obtido na UFRGS foi fundamental para o desenvolvimento do dispositivo dentro da empresa.

Elbling conta que, seis meses antes de inaugurar a fábrica, em março de 1977, visitou a UFRGS para ter certeza de que estaria perto de uma fonte de engenheiros com talento. Conforme Marco Aurélio, no quadro de 80 engenheiros da empresa há profissionais formados pela UFRGS e um outro estagiário da Universidade atuando na área de *hardware*.

Para quem se surpreende com o fato de uma jovem ter inventado e desenvolvido esse dispositivo antifraude, o gerente observa que as mulheres atuam com alta capacidade de criação e habilidade e que no quadro de sua empresa existem algumas engenheiras. “Por muito tempo, a proporção de mulheres nestas áreas foi menor, mas hoje isso é diferente”, diz o gerente, destacando o domínio e a concentração das profissionais.

“Meu sonho era estudar na UFRGS”

Alice Martins é mineira de Ponte Nova, a 200 km de Belo Horizonte. Fez intercâmbio nos Estados Unidos por um ano e ingressou na PUC de Minas Gerais, mas não quis estudar na universidade particular. Passou na seleção do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) em Engenharia Eletrônica e, como tinha uma carga horária pesada e não podia manter um emprego fixo, dava aulas particulares de Química, Física, Matemática e Inglês. Nessa época, chegou a pensar em abrir um cursinho. Em março de 2005, surgiu a oportunidade de fazer um estágio de seis meses numa empresa: “Minha intenção era ter experiência na área de Engenharia Eletrônica para ver se era isso mesmo que eu queria”. Foi quando ela se decidiu pelo Rio Grande do Sul: “No dia em que pisei na Perto S/A, empresa da Digicon, disse que era aqui que eu tinha que ficar”. A seguir, interessou-se por fazer estágio em todos os setores para aprender um pouco de cada área. No entanto, a jovem queria estudar na UFRGS: “Era meu sonho, já tinha essa vontade há muito tempo. Tenho família aqui, madrinha, tio e primos, já conhecia a Universidade e sabia que havia ficado em segundo lugar no ranking nacional de Engenharia Elétrica”. No ingresso extra-vestibular, classificou-se em primeiro lugar geral nas provas de Matemática e Física, iniciando o curso no segundo semestre de 2005: “Acabei fazendo metade da faculdade aqui... O Cefet de Minas é muito bom, mas a UFRGS é melhor”.



24 a 27 setembro
Campus Central

INSCRIÇÕES
www.proext.ufrgs.br/8salao/



ILUSTRAÇÃO: BRUNO SEELIG/NIO

O cinema acabou...



a tela não

Mudanças à vista Multiplicação das mídias permite que filmes migrem para novas superfícies

Fatimarlei Lunardelli*

O cineasta britânico Peter Greenaway esteve em Porto Alegre alardeando o fim do cinema. Em tom irônico e provocativo, desafiou o público durante sua palestra no seminário *Fronteiras do Pensamento*, em julho deste ano. Queria discutir e incitou a platéia ao debate com uma afirmação de efeito. Partiu do princípio de que o conservadorismo em relação ao modelo vigente de cinema deveria apresentar alguma resistência à sua proposta. Ainda que possamos nos agarrar a uma visão nostálgica do cinema, a lógica de seu raciocínio é irretocável. A partir da entrevista coletiva à imprensa concedida pelo cineasta e de sua conferência no seminário, propomos algumas reflexões em torno do que ele classifica como o “velho” e o “novo” cinema.

O “velho” e o “novo” cinema – Os elementos que Greenaway arrola para classificar os dois modelos de cinema estão baseados no suporte e os equivalentes modelos estéticos daí decorrentes. Raciocinando na lógica de Marshall McLuhan, segundo o qual “o meio é a mensagem”, a um modelo de exibição corresponde um conteúdo. O “velho” cinema corresponde ao filme exibido na sala de cinema, cuja linguagem foi estruturada no início do século XX, a partir do modelo literário do romance folhetim. Por decorrência, tendo em vista que o objetivo deste modelo estético é contar uma história, tanto a câmera cinematográfica quanto os atores são submetidos a esta função. Da mesma forma, o enquadramento está condicionado por este objetivo.

O que Greenaway chama de “novo” cinema implica em dois aspectos impossíveis no modelo anterior. De um lado a interatividade ativa, na qual a participação do espectador não é apenas emocional: ele pode intervir no filme, modificar a ordem do que está assistindo, parar, rever, avançar. Não é mais um espectador, mas um usuário. E isso só é possível porque o suporte não é mais a tela na sala de espetáculos. As mídias se multiplicaram e os filmes que inicialmente passaram da tela grande para a televisão, depois para o computador, agora são assistidos no

celular e, no futuro, apontam os desdobramentos tecnológicos, em qualquer superfície. Com razão, o cineasta defende que o cinema acabou, mas não a tela. Essa, ao contrário, se multiplicou.

O prazer das histórias – Na verdade, ampliando os itens referidos por Greenaway, podemos dizer que toda a “instituição cinema” está submetida à função narrativa. Mas, devemos separar muito bem “filme” de “cinema”. Por cinema entende-se um processo muito amplo, determinado por aspectos estruturais, econômicos e políticos que repercutem nos modelos estéticos. O filme que faz girar e sustenta a indústria do entretenimento é baseado em histórias. Atende à demanda universal e permanente do ser humano por fabulação, pela necessidade de dar sentido para o mundo através de relatos.

É contando histórias que o homem compartilha e transmite os valores que fazem dele sujeito da cultura. O cinema preencheu no século XX essa necessidade, que na época dos gregos tomou a forma de relatos míticos. Não por acaso, esse é o cinema de massa, base da indústria cinematográfica, que continua considerando uma boa história elemento fundamental de sustentação de todo o sistema cinematográfico. Para além de qualquer ofensa que Greenaway possa arremeter contra Harry Potter, classificando-o de tedioso e irrelevante, uma análise sobre o sucesso da série de livros e filmes deve, necessariamente, considerar o quanto a fábula do bruxinho preenche o imaginário da garotada do século XXI. Na verdade, do ponto de vista sociológico, da psicologia ou da comunicação, esse é o aspecto interessante a ser investigado no fenômeno.

A constatação do esgotamento do modelo estético convencional não aponta uma questão, que fica em aberto: na vigência do “novo” cinema, para onde migrará a narrativa? Essa questão é relevante na medida em que um dos aspectos mais interessantes da argumentação do cineasta refere-se à necessidade de superação do texto como base para o cinema. Para o filme interativo e multimidiático, Greenaway reivindica também “uma forma de arte sofisticada, que envolva todos os sentidos dos telespectadores e que possa oferecer às pessoas uma comunicação inteligente”. Na sua argumentação, implica em superar o texto linear, ancorado em personagens, dando-se primazia para a imagem.

Mas essa discussão não é nova. Faz parte da história da teoria do cinema desde os anos 20, quando experimentalistas e realistas colocaram-se em arenas opostas sobre a essencialidade do cinema. Junto com o chamado cinema clássico sempre houve o cinema experimental, o exercício da forma, o jogo da imagem. Esse mesmo praticado por Peter Greenaway, cuja formação em artes plásticas, especialmente a pintura, faz dele um artista da imagem. Mas o experimental sempre foi um cinema reservado para a apreciação de poucos, elites culturais e intelectuais munidas de um repertório capaz de interpretar e dar sentido às imagens. Um cinema para a cabeça, não para o coração.

Sem data – Peter Greenaway usou uma metáfora divertida para a situação do cinema. Comparou-o a um dinossauro que na segunda-feira leva um tiro na cabeça, mas como é grande e pesado, só deixa de mexer a cauda na sexta-feira. Apesar de constatar a “morte cerebral” do cinema, não se arriscou em estabelecer uma data para a “morte total”. Mas não é difícil pensar que o fim está relacionado às práticas culturais das novas gerações. Sujeitos da cultura, só aprendemos aquilo que nos é ensinado. Ao valor diminuído da sessão na sala de espetáculos corresponde um valor aumentado do filme visto na televisão ou na tela do computador. Não porque os jovens comparam as duas formas de ver filmes e optam por uma delas. Mas porque faz parte de sua identidade geracional e de grupo um determinado modo de viver, a partir dos recursos materiais históricos disponíveis. As novas tecnologias, cada vez mais, colocam o cinema disponível dentro de casa.

Aos nostálgicos, cinéfilos que gostam de cinema, o prazer da sala escura soma-se ao filme exibido em projeção impecável na tela grande. É o que ainda faz o Clube de Cinema de Porto Alegre, cinquentenária entidade fundada por P. F. Gastal permanecer viva e ativa, realizando sessões semanais. O paradoxo é que os filmes em DVD, que poderiam ser vistos em casa, são programados para serem vistos e compartilhados em grupo em alguma sala de cinema da cidade. Do ponto de vista da economia do cinema ou do significado como prática cultural, é possível considerar essa experiência irrelevante. Mas não para quem a gênese da cinefilia está associada ao prazer da tela grande e iluminada.

A indústria do cinema continua considerando uma boa história elemento fundamental para a sustentação de todo o sistema cinematográfico

* Jornalista, doutora em Cinema e coordenadora do Núcleo de Comunicação e Cinema da Fabico

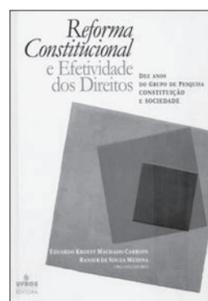
Resenhas

Por Caroline da Silva

Pensando a legislação

A indicação deste livro advindo da comemoração aos dez anos do grupo de pesquisa Constituição e Sociedade, inscrito no CNPq e coordenado pelo professor da Faculdade de Direito Eduardo Kroeff Machado Carrion, vem no número também especial de uma década do *Jornal da Universidade*. A academia não festeja simplesmente o tempo decorrido de uma iniciativa do seu âmbito, mas todo o caminho trilhado em busca do conhecimento construído. Como dizem os organizadores, este não é só um meio de prestar contas do que se estudou nesse período, mas também possibilita a socialização dessa produção científica.

A edição está configurada em torno dos eixos temáticos: legitimidade da Constituição, dimensão prospectiva das Constituições, eficácia e efetividade das normas constitucionais, realização dos direitos fundamentais, controle da constitucionalidade das leis e reforma constitucional. Na lista dos artigos, trabalhos contemplados nos Salões de Iniciação Científica da UFRGS com o Prêmio Jovem Pesquisador de Ciências Sociais Aplicadas. Entre os objetos dos textos, os primeiros anos da Constituição de 1988, o histórico do grupo de pesquisa, reeleição no Brasil, Peru e Argentina, influências estrangeiras na Carta Magna, as medidas provisórias, a pesquisa em Direito, emenda constitucional e a efetividade dos direitos à educação, moradia e à cidade.



REFORMA CONSTITUCIONAL E EFETIVIDADE DOS DIREITOS: DEZ ANOS DO GRUPO DE PESQUISA
Ed. UFRGS, 2007, 190 págs., R\$ 28*, organizado por Eduardo Carrion e Ranier Medina

REPRODUÇÕES/EDITORIA DA UFRGS

Política e valor cultural

A economia da cultura é uma escola pouco abordada no Brasil, como se pode perceber pela bibliografia trazida ao final dos artigos publicados nesta coletânea, que em sua maioria bebem de edições estrangeiras. É o desafio da obra conjunta que pretende contemplar uma determinada “indústria cultural regional” numa área nascente e com referências muito amplas perante suas questões. Recentemente, tivemos o boom dos projetos de captação de recursos públicos, tanto municipais, estaduais e nacionais. O foco da análise é justamente

este: os benefícios fiscais como incentivo ao cinema gaúcho, de produção peculiar. A idéia é compreender como as políticas culturais dos atores públicos se inserem e se articulam nos espaços locais, nacionais e internacionais. A concepção de cultura é um conceito extremamente delicado que envolve também a noção de capital e valor cultural. A introdução atesta que as “atividades culturais são quantitativamente benéficas para o conjunto da sociedade podendo ser consideradas bens coletivos e indivisíveis, justificando as subvenções públicas”.

No artigo teórico, fica claro que estamos lendo sobre uma área da economia em que se procura analisar a alocação de recursos para a coletividade, tendo como pressuposto que um bem cultural, além de seu valor simbólico intrínseco, também carrega valor econômico. Um dado interessante deste texto é a participação do setor cultural no mercado brasileiro. Apesar de responder por apenas 0,8% do PIB do país (2004), o campo da cultura emprega mais mão-de-obra que a indústria elétrica e eletrônica. E o salário do trabalhador da cultura em média é duas vezes maior que o conjunto de todas as outras funções econômicas do Brasil. Outra particularidade desse tipo de pesquisa é lembrar que, como diz Celso Furtado, fonte recorrente dos autores, “no mundo das artes o trabalho não é apenas um meio mas também um fim”.



ECONOMIA DA CULTURA: BEM-ESTAR ECONÔMICO E EVOLUÇÃO CULTURAL
Ed. UFRGS, 2007, 120 págs., R\$ 12*, organizado por Leandro Valiati e Stefano Florissi

*Preços nas Livrarias da UFRGS (www.livraria.ufrgs.br)

Esculturas
skatáveis criadas
pela Galeria
Adesivo e grupo

Mergulho numa babel de expressões

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Longe do ateliê Artistas do projeto Essa POA é boa apostam na integração com a comunidade

Ânia Chala

Desde a segunda quinzena de agosto, Porto Alegre está vivendo um período de efervescência na área das artes visuais: os projetos *Bienal B* e *Essa POA é boa*, lançados como mostras paralelas à sexta edição da *Bienal do Mercosul*, vêm agitando o circuito cultural da cidade. Num dos galpões da antiga tecelagem Renner, localizado no DC Shopping, 224 artistas expõem o resultado de meses de trabalho. A iniciativa, batizada de *Essa POA é boa*, tem a participação de inúmeros artistas e estudantes ligados à UFRGS e pretende dar visibilidade à diversidade da produção plástica gaúcha.

O projeto será desenvolvido em duas etapas: ação interna, que consiste na exibição dos projetos-âncora na antiga fábrica do DC; e ação externa, que envolve a criação de propostas de arte urbana permanentes, visando à revitalização do Navegantes. Maria Tomaselli, uma das artistas organizadoras, diz que durante a realização da mostra serão promovidas oficinas com a comunidade do bairro da Zona Norte da capital. “Queremos produzir em comum entendimento para não jogar as coisas na cara da comunidade sem que ela assim o deseje. Isso é muito difícil e ainda não foi feito, mas tentaremos levar adiante esta produção coletiva”, garante.

Conforme a artista, o *Essa POA é Boa* surgiu como alternativa aos modelos de bienal em geral. “Quando foi criada a primeira Bienal do Mercosul, a idéia era fazer uma confraternização entre as artes do Uruguai, Argentina e Paraguai. Porém, a Bienal tomou outros rumos, globalizando-se e perdendo o contato com a base de onde surgiu. Até hoje, mal conhecemos os artistas dos países vizinhos, por isso, criamos este outro projeto.” Maria acredita que as artes plásticas encontram-se à margem dos aconte-

cimentos e que o isolamento dos ateliês é o grande responsável pelo distanciamento do público. “Antigamente, a arte estava a serviço da comunidade ou dos deuses. Depois, quando o sujeito assumiu a sua independência, a arte passou a ficar a critério de cada um. Os espetáculos teatrais e mesmo os shows envolvem as pessoas, mas isso não acontece com as artes plásticas, em que o artista fica sozinho no seu ateliê”, explica.

Auto-financiamento – Com curadoria de Paulo Gomes e da professora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, Blanca Brites, o *Essa POA é Boa* foi desenvolvido a partir do convite a 12 artistas para que apresentassem um projeto a ser executado coletivamente e exposto no espaço disponibilizado pelo DC Shopping. Gustavo Nakle e Maria Tomaselli organizaram uma lista de participantes, que incluiu desde escultores até grafiteiros e skatistas.

As obras que integram a exposição foram criadas no próprio local e os custos de produção do material foram financiados pelos próprios participantes, através da venda de obras de arte a um custo máximo de R\$ 300. Isso fez do *Essa POA é boa* um projeto totalmente independente.

Segundo Marise Mendes Mariano, superintendente do DC Shop-

ping e também idealizadora do evento, o centro de compras mantém um forte elo com a cultura local. “A partir do contato com Maria Tomaselli e Gustavo Nakle, fomos completamente cativados pela idéia”, conta a administradora.

Passaporte para a comunidade – De acordo com Maria Tomaselli, quando o grupo começou a fazer os convites, todo mundo ficou louco para participar, apesar da ausência de patrocínio. “Faltou espaço para abrigar todas as propostas, por isso já pensamos na segunda edição do projeto, pois realmente não deu para atender todos os artistas que se interessaram. Esta exposição representa o passaporte através do qual nos apresentamos à comunidade. Além disso, é a chance dos artistas que vêm para a Bienal conhecerem o que se faz na cidade”, brinca.

O editor da revista virtual ArteWeb Brasil, Leandro Selister, que participa tanto do *Essa POA é boa* quanto da *Bienal B*, acha que as iniciativas são a concretização de um sonho e provam que os artistas gaúchos estão prontos para trabalhar em equipe. O trabalho dele intitula-se *Navegando em Navegantes* e consiste no próprio site do projeto (essapoaeb.com.br), que reúne imagens, depoimentos e blogs dos artistas participantes.

Projetos-âncora

O espírito dos sais

Luiz Eduardo Achutti e grupo

Colunas

Rodrigo Núñez e Grupo Bando de Barro

Poética dos trançados

Ana Norogrande e grupo Entranças

R-ECONstruindo a vida

Zorávia Bettiol e grupo

Navegantes

André Venzon e grupo

Interseções do desenho

Antônio Augusto Bueno e grupo

A arca do arroio Dilúvio

Gustavo Nakle e grupo

Cidade

Trampo e grupo Urbanóide

M'Boitatá

Grupo AFLECHA

O jardim móvel

Maria Tomaselli e grupo

Esculturas skatáveis

Galeria Adesivo e grupo

Leandro Selister

Navegando em Navegantes

Arte como produção coletiva

Quem visita a exposição *Essa POA é Boa*, montada num dos galpões do DC Shopping, no bairro Navegantes, talvez não tenha idéia do que significa reunir mais de duas centenas de artistas em torno de propostas compartilhadas. Idealizadas a partir de grupos organizados por 12 artistas-âncora, algumas produções chegaram a reunir mais de 20 colaboradores. Apostando num conceito de trabalho coletivo, os participantes conseguiram criar uma nova forma de fazer arte em que o isolamento do atelier cede lugar à solidariedade da produção em grupo.

Logo no início da mostra, chama a atenção o espaço *Poética dos trançados*, instalação de Ana Norogrande e grupo Entranças feita a partir das peneiras dos índios kaingang de doze comunidades do interior gaúcho. Suspensos no ar, esses objetos deixam sua função utilitária em segundo plano, assumindo um caráter simbólico sagrado.

Uma série de colunas erguidas com tijolos demarca o território de Rodrigo Núñez e seu Bando de Barro, grupo de artistas que têm na cerâmica seu principal meio de expressão. Na instalação denominada simplesmente *Colunas*, Rodrigo, que é professor do Instituto de Artes da UFRGS, dá visibilidade a trabalhos como o da ceramista Tânia Resmini e suas alunas, responsáveis por coloridas peças em porcelana que parecem flunar ao vento.

Ultrapassada a floresta de colunas, o visitante se depara com duas propostas que se misturaram: o projeto *M'Boitatá*, desenvolvido pelo grupo Aflecha a partir de textos de Simões Lopes Neto; e o *Jardim móvel*, idealizado por Maria Tomaselli. Numa simbiose harmônica, a grande cobra descrita no conto do escritor gaúcho, iluminada e coberta de gravuras que recontam sua história, atravessa um jardim em que figuras representando bichos, plantas e objetos podem ser movimentados pelo público. Cylene Dallegre, do grupo Aflecha, diz que o projeto *M'Boitatá* é o único da mostra com a participação de gravuristas. “Além dos nove integrantes do Aflecha, convidamos cerca de 50 gravadores da cidade para colaborar na produção desta grande cobra que, segundo uma lenda guarani, se alimenta dos

olhos dos animais do campo”, acrescenta a artista.

A *Arca do arroio Dilúvio*, idealizada pelo grupo de artistas convidado por Gustavo Nakle, abriga o resultado de longas discussões sobre a destruição dos ecossistemas e as chances de sobrevivência dos seres vivos. A arca exibe poesias e trabalhos de 11 artistas. “Estamos tentando dar o primeiro passo para algo muito maior nos próximos anos. Este é o começo de um diálogo: moramos em Porto Alegre e amamos esta cidade, mas descobrimos que temos diferentes visões que não conhecíamos.”

Os arquitetos que integram a Galeria Adesivo criaram uma série denominada *Esculturas skatáveis*, a partir da constatação de que os espaços abertos, em sua maioria, não são voltados ao público que deles usufrui. “As pistas de skate instaladas em parques pelas prefeituras normalmente imitam objetos do espaço urbano sem representatividade alguma dentro da cultura dos skatistas”, critica a arquiteta Ana Claudia Vettoretti. Por isso, eles geralmente preferem andar nas ruas, buscando por conta própria os locais para criação de manobras. O arquiteto Mateus Grimm, explica que as esculturas foram desenvolvidas a partir de materiais reciclados doados pelo DC Shopping, acrescentando que, em datas a serem divulgadas, as obras vão servir de plataforma para expressão de grupos de skatistas convidados, que irão “testar” as esculturas.

Para quem quiser chegar ao local da exposição por dentro do que acontece, a dica é acessar o site www.essapoaeb.com.br e conferir a programação, o mapa do local e o calendário de atividades programadas.

O que: projeto *Essa POA é boa*

Onde: Rua São José (ao lado da cervejaria Dado Bier, no DC Shopping), bairro Navegantes

Visitação: até 2 de dezembro, de terças a sábados, das 12h às 22h, e nos domingos e feriados, das 10h às 20h

Entrada franca



Jesus Lopes confere a *Poética dos trançados*

► **Redação** Juliano Tatsch | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

► Destaque

Um passeio pela evolução do planeta

Exposição no Museu da UFRGS alia História à Arte

O Museu da UFRGS realiza até 31 de dezembro a exposição *Visões da Terra: entre deuses e máquinas, qual o lugar da humanidade no mundo em que vivemos?*, organizada em parceria entre a Companhia Petroquímica do Sul (Copesul) e a UFRGS. A exposição apresenta, pela primeira vez no Brasil, a reconstituição ilustrada completa da evolução da Terra e da vida desde o período pré-cambriano até o surgimento da humanidade, propondo-se a transportar o visitante em uma viagem por milênios de História.

Composta de diversos módulos, *Visões da Terra* mostra a história do planeta e da humanidade em vários períodos: desde Çatal Huyuk, cidade do período Neolítico descoberta na Turquia na metade do século passado, considerada a primeira a ser representada em imagens pelos seus habitantes, até a era da Revolução Industrial, passando pela razão grega e as crenças da Idade Média.

Entre outros atrativos, *Visões da Terra* também vai contar com peças raras, que integram o acervo de diferentes unidades da Universidade – algumas nunca antes expostas. É o caso de uma Bíblia alemã que data de



FERNANDA DAVOGLIO

Visitante poderá fazer viagem pela história da Terra

1621, adquirida pela UFRGS no começo da década de 70. Feito em papel de trapo, com encadernação jansenista (característica do século XVII) em couro e fechos de metal, o livro será exposto no espaço relativo à Idade Média. Na área da Revolução Industrial a atração deve ficar por conta de um motor Otto, propriedade do acervo do Museu do Motor, da Escola de Engenharia. Datado

de 1896, é um dos únicos de seu período que ainda está em funcionamento. Artefatos antigos de culturas do período medieval, como machadinhas de pedra e outros artigos, também compõem a exposição.

O professor do Instituto de Geociências Rualdo Menegat, curador da mostra, explica que a intenção de *Visões da Terra* é fazer o visitante

interagir com a exposição e com a História da Terra. "A exposição é didática e chama cada um ao diálogo, e isso faz com que se estabeleçam múltiplas interações entre as visões da Terra", afirma. Com entrada gratuita, a visitação pode ser feita de segunda à sexta-feira das 9h às 18h e aos sábados, das 9h às 15h. Mais informações pelo telefone 3308-4022.

► CINEMA

A História vai ao cinema com Aplicação

Novas sessões do projeto de extensão do Colégio de Aplicação da UFRGS com a apresentação de filmes de diversos períodos históricos. As sessões são abertas ao público em geral e serão seguidas de debates com professores. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3308-3436 ou 3308-4022.

O PIANISTA

(Drama, Reino Unido/França/Alemanha/Holanda/Polônia, 2002, 148min), de Roman Polanski
A luta do pianista polonês Wladyslaw Szpilman para sobreviver durante a invasão alemã em Varsóvia, em 1939, durante a II Guerra Mundial. Com Adrien Brody.
Data: 5 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingressos: R\$ 2,50

FOR ALL, O TRAMPOLIM DA VITÓRIA (Drama, Brasil, 1997, 90min), de Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz
O filme fala sobre a convivência entre brasileiros e soldados americanos na base de Parnamirim Field, em Natal (RN), durante a II Guerra Mundial. Com Betty Faria, José Wilker e Paulo Gorgulho.
Data: 12 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingressos: R\$ 2,50

A CONQUISTA DA HONRA (Drama, EUA, 2006, 132min), de Clint Eastwood
O filme acompanha a trajetória dos soldados americanos fotografados no momento em que conquistavam a ilha de Iwo Jima. A divulgação da imagem envolve os combatentes em uma campanha publicitária para angariar fundos de guerra, que provoca muitos conflitos. Com Adam Beach e John Benjamin Hickey.
Data: 19 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, 19h
Ingressos: R\$ 2,50



CARTAS DE IWO JIMA (Drama, EUA, 2006, 140min), de Clint Eastwood
Em junho de 1944, general do exército imperial japonês chega à ilha de Iwo Jima e moderniza o modo de enfrentar os americanos, supervisionando a construção de uma fortaleza subterrânea. Enquanto isso, os soldados escrevem cartas aos parentes que deixaram no Japão. Com Ken Watanabe.
Data: 26 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingressos: R\$ 2,50



Segunda no cinema

Segunda no Cinema é uma promoção da Associação dos Docentes da UFRGS (Adufrgs), dentro da programação comemorativa dos 30 anos da entidade.

LAMARCA

(Drama, Brasil, 1994, 129min), de Sérgio Rezende
Crônica dos últimos anos da vida do capitão do exército Carlos Lamarca que, nos anos da ditadura, desertou das forças armadas, tornando-se um dos líderes da luta armada.
Data: 24 de setembro, segunda-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

CineBR em Movimento

Apresentação do projeto Cine BR, que exhibe longas-metragens nacionais produzidos recentemente.

CRIME DELICADO

(Drama, Brasil, 87 min, 2005), de Beto Brant
Crítico teatral vê sua vida desestruturar-se ao se apaixonar por mulher desinibida e atraente.
Data: 6 de setembro, quinta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 9h30min e às 19h
Entrada franca

Convergências tecnológicas de linguagem e mercado no cinema brasileiro contemporâneo

Exibição de produções nacionais contemporâneas promovida pelo Núcleo de Cinema e Comunicação da Fabco. Ao final das sessões haverá debate.

ANTÔNIA

(Drama, Brasil, 2006, 90min), de Tata Amaral
Quatro amigas que moram na Vila Brasilândia, em São Paulo, tentam concretizar o sonho de infância: alcançar o sucesso como grupo musical.
Data: 10 de setembro, segunda-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

Cinema italiano na UFRGS

Uma amostra da cultura e da história italianas, através de uma de suas mais importantes expressões artísticas.

LA TREGUA

(Drama, Itália, 1997, 128min), de Francesco Rosi
Baseado em romance autobiográfico do italiano Primo Levi, o filme conta a história de um grupo de homens de várias nacionalidades recém-libertados de um campo de concentração. Exibição seguida de debate.
Data: 28 de setembro, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

III Ciclo de cinema do GEERGE – Gênero e Sexualidade em Debate

Atividade promovida pela Sala Redenção, em parceria com o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE).

MENINA MÁ.COM

(Suspense, EUA, 103 min, 2005), de David Slade
Adolescente envolve-se com homem que conheceu pela Internet, tentando encontrar pistas que provem o envolvimento dele no desaparecimento de uma garota.
Debatedoras: Cláudia Ribeiro (UFMG) e Jane Felipe (coordenadora do GEERGE).
Data: 27 de setembro, quinta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

Projeto terapia sistêmica de casal e família

Ciclo de filmes seguidos de debates em comemoração aos 30 anos da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

FESTA DE FAMÍLIA

(Drama, Dinamarca, 1998, 106min), de Thomas Vinterberg
Patriarca de família dinamarquesa comemora seus 60 anos em grande estilo, reunindo familiares em um hotel de luxo, mas uma revelação pode estragar a festa.
Data: 17 de setembro, segunda-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h
Entrada franca

Conflitos periféricos no século XIX

Os conflitos na periferia do mundo capitalista, nos seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais.

TEMPOS DE VIVER

(Drama, China, 1993, 129min), de Zhang Yimou
A trajetória de uma família chinesa desde a revolução popular até os anos 70. Debatedores: professora Gabriela Rodrigues e estudante de graduação Graciene de Ávila.
Data: 14 de setembro, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 2

VAMOS A MATAR COMPANEROS!

(Western, Itália, 1970, 117 min), de Sergio Corbucci
Traficante de armas sueco junta-se a bandido mexicano para raptar professor. Debatedores: professor César Guazzelli e graduado Rafael Hansen Quinsani.
Data: 21 de setembro, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 2

► PLANETÁRIO

Projeto Selene

Observação de planetas e astros notáveis no céu de Porto Alegre através de telescópio. A atividade inicia logo após o pôr-do-sol e, em caso de mau tempo, será cancelada.
Data: 15 e 16 de setembro, sábado e domingo
Entrada franca

► TEATRO

Seis personagens à procura de autor

Espectáculo que integra o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão. A peça é baseada no texto de Luigi Pirandello e faz um convite à reflexão, ao abandono da máscara diária e ao mergulho no "eu" mais profundo e desconhecido. Através do questionamento do que é ou não realidade, personagens e atores revelam os conflitos mais íntimos do ser humano. Direção de Raquel Purper.
Apresentações: 5, 12, 19 e 26 de setembro, quartas-feiras
Local e horário: Sala Qorpo Santo, em sessões às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca



► UNIMÚSICA

Na linha de Dolores Duran

Show que relembra a obra da cantora e compositora carioca Dolores Duran com Adriana Deffenti e músicos Ângelo Primon e Marcelo Corsetti. Apesar da vida curta, Adiléia Silva da Rocha (1930-1959) criou sambas-canção marcantes que, além de se tornarem clássicos do gênero, abriram espaço para a atuação de compositoras em um cenário predominantemente masculino. Parceira de Tom Jobim nas composições *Por causa de você* e *Estrada do sol*, seu maior sucesso foi *A noite do meu bem*. Morreu aos 29 anos de idade de parada cardíaca.

Data: 6 de setembro, quinta-feira
Local e horário: Salão de Atos, às 19h
Retirada de senhas a partir de 3 de setembro no Museu da UFRGS, das 9h às 18h, mediante a doação de 1kg de alimento não-perecível, ou através do agendamento no site ww.museu.ufrgs.br.

► EXTENSÃO

Tholl, imagem e sonho

Apresentação do grupo Tholl durante o 8º Salão de Extensão da UFRGS, evento organizado pela Pró-reitoria de Extensão que será realizado entre os dias 24 e 27 deste mês. O espetáculo do grupo pelotense traz técnicas circenses com uma roupagem moderna e arrojada. Os ingressos serão distribuídos aos participantes inscritos para apresentação de trabalhos no Salão de Extensão. Outras atividades culturais serão realizadas nos intervalos da programação e divulgadas no site da PROEXT.
Data: 26 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Salão de Atos, às 20h
Informações: www.proext.ufrgs.br/8salao/ ou pelo endereço eletrônico 8salao@proext.ufrgs.br



► Onde?

- Planetário
Av. Ipiranga, 2.000
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº
- Sala Qorpo Santo
Av. Paulo Gama, s/nº
- Salão de Atos da UFRGS
Av. Paulo Gama, 11
- Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277

Um homem de sorte

De aluno a professor

Há 21 anos, Eduardo Rolim de Oliveira vive as mudanças da Universidade

Ânia Chala

Com um jeito calmo e risonho, Eduardo Rolim de Oliveira vai revelando aos poucos os momentos que marcaram sua trajetória de estudante de Química a professor universitário e presidente da Associação de Docentes da UFRGS (Adufrgs). Aos 38 anos, ele está cumprindo seu segundo mandato, sendo que desde 2003 já atuava na diretoria da entidade como primeiro vice-presidente.

“Sempre tive certa participação política. Em 1984, fui presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Nossa Senhora das Dores. Foi lá que iniciei minha trajetória no movimento estudantil. Por volta de 1988, cheguei a concorrer à presidência do Diretório Acadêmico da Química, mas acabei perdendo aquela eleição. A militância sindical começou um pouco mais tarde, pois na época preferia a militância partidária. Fui membro da direção municipal do meu partido e acabei enveredando pela militância sindical, depois de participar das greves de professores de 1998 e de 2001. Agora, também faço parte da direção nacional do Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (ProIfes), entidade à qual a Adufrgs está vinculada.”

Nascido em 1969, em Porto Alegre, Eduardo viveu até os três anos no Centro da capital. Depois, a família mudou-se para o Menino Deus, onde passou toda a infância. “Hoje não me reconheço mais como morador daquele lugar. Nos anos 70, a gurizada do bairro brincava nas praças, jogava futebol e bolinha de gude”, relembra o professor comentando que hoje as crianças ficam confinadas em casa, na escola ou nos clubes. E, com tristeza, vê os prédios com grades até nas calçadas.

O esporte preferido dele sempre foi o futebol. “Nadei alguns anos e cheguei a competir, mas como sou muito preguiçoso aquele negócio de acordar cedo para nadar acabou matando minha paixão pela natação”, confessa Eduardo.

Filho único do mestre-de-obras Manoel e da funcionária pública Ivone, ele diz que sua paixão pela Química surgiu durante o ensino médio. “Frequentei os primeiros anos do ensino fundamental numa escola pública, mas ela foi desativada e passei a estudar na escola lassalista Pão dos Pobres. Quando chegou a hora de ingressar no ensino médio, a opção pelo Colégio Nossa Senhora das Dores surgiu naturalmente. Porém não foi fácil, pois minha família não tinha muitos recursos.”

Na hora de realizar um curso profissionalizante, Eduardo afirma que escolheu o de Auxiliar de Laboratório de Química menos por vocação do que por falta de opção, já que as outras modalidades oferecidas eram carreiras pelas quais não se sentia atraído. “Na época, tive um professor muito legal, Sérgio Borba, que foi meu mentor. A partir daí, a Química passou a fazer parte da minha vida. Hoje, trabalho com síntese de medicamentos na área da Química Orgânica e adoro o que faço.”



Eduardo gostaria de ter mais tempo para se dedicar à Química

Política e transformações na universidade

Eduardo ingressou no curso de Química em 1986 e graduou-se como bacharel em 1990. Em 1987, foi monitor e, no ano seguinte, ganhou a primeira bolsa oferecida pela Pró-reitoria de Pesquisa para a Iniciação Científica. “A decisão de tornar-me professor ocorreu naquele período e sei que o fato de ter sido bolsista pesou. Foi a partir dali que comecei a produzir trabalhos, escrever artigos e a participar de congressos que me permitiram um grande entrosamento na área. A iniciação científica fez nascer em mim o desejo de ser professor. Por isso, considero muito importante que a nossa universidade mantenha todo esse programa de iniciação e o salão anual. Comigo tudo ocorreu como numa linha planejada: fiz a iniciação, depois decidi fazer o mestrado e, em seguida, o doutorado. Tive muita sorte e estava no lugar certo.”

A sorte a que o professor se refere foi o encontro com um pesquisador francês que coordenava um projeto de pesquisa na mesma área em que ele desenvolvia seu mestrado. O pesquisador aceitou Eduardo como orientando e, assim, o jovem químico foi cursar o doutorado no exterior. Ao final do curso, ainda antes de retornar ao Brasil, inscre-

veu-se no concurso para professor do Instituto de Química, ingressando como docente em julho de 1997, mesmo ano em que foi criado o Jornal da Universidade.

Em seus 10 anos de atividade docente na UFRGS, Eduardo avalia que houve uma mudança brutal na parte acadêmica. Na segunda metade da década de 80, o Instituto de Química era pequeno em termos de produção de pesquisa. “Impulsionado pela idéia de busca de futuro ligado à pesquisa e à pós-graduação, o Instituto modernizou-se mais rapidamente do que a própria universidade.”

Outro aspecto marcante foi a transformação do Campus do Vale. “Quando estudei lá, no final dos anos 80, o local era quase deserto, havia poucos cursos instalados e a infraestrutura era precária.”

Eduardo participou da retomada do movimento estudantil e trabalhou na comissão eleitoral que apurou os votos da eleição para reitor de 1988. “A maioria da comunidade universitária votou no professor Ferrari, da Faculdade de Educação, que acabou não tendo seu nome referendado pelo MEC. Fiz parte do movimento dos estudantes que resistiram à posse de Gerhard Jacob, o terceiro colocado da lista nomeado pelo Ministério. Aquela

eleição foi a primeira que a Universidade teve depois da redemocratização. Os muros da UFRGS ainda traziam pichações do tipo: *Fora Ferraz, o último reitor da ditadura*”.

Durante a graduação, viveu a passagem da era pré-informática para a pós-informática. “Recordo que passávamos horas trabalhando para criar aqueles programinhas de computador que faziam quase nada. No Campus do Vale, havia laboratórios de informática, onde podíamos imprimir coisas usando as barulhentas impressoras matriciais.”

Para o professor, a informatização revolucionou a vivência acadêmica. Na era pré-informática, o trabalho docente era centralizado na idéia de dar aulas, não havia computadores e os professores tinham secretários que produziam e preenchiam relatórios, formulários, imprimiam listas de chamada etc. “Com a disseminação dos computadores e o surgimento da Internet, essas tarefas passaram para a esfera do próprio docente. Isso gerou uma sobrecarga, agravada pela diminuição do número de técnicos na Universidade. Acho que a informatização mudou para sempre a nossa vida. É claro que foi para melhor, mas as tarefas se multiplicaram e as despesas financeiras das pessoas também: hoje não dá para viver sem telefone celular, Internet e tv a cabo.”

Leitor compulsivo e admirador de Erico

O professor de Química se considera um leitor compulsivo. “Minha biblioteca é muito maior do que minha capacidade de leitura. Sou um adorador de livros muito mais pelo prazer de comprá-los, pois não tenho tido muito tempo para lê-los.” Eduardo Rolim é um apaixonado por Erico Verissimo, de quem leu boa parte da obra. Também aprecia muito os livros de História. “Se não fosse químico, possivelmente trabalharia com História ou Geografia, pois são áreas de que gosto muito. Em especial a História Antiga e a Medieval.”

Gremista convicto, só viu seu time sagrar-se campeão aos 8 anos de idade. Na sua escola, todo mundo era colorado, menos ele. Eduardo brinca que talvez essa característica tenha sido a primeira manifestação do seu

lado contestador. Por volta dos 18 anos, assistiu a quase todos os jogos de seu time. “Até hoje tenho raiva do Internacional, porque vi aquela grande equipe da década de 70. Por isso, sempre torço para que o time perca em qualquer partida, até nos jogos amistosos.”

Atualmente, Eduardo garante que já não é mais tão fanático e diz preferir acompanhar os jogos pela televisão. “Acho que os jogadores de futebol ganham dinheiro demais e isso me tirou um pouco da vontade de ir ao estádio. Me revolta pensar que estou financiando o salário milionário daqueles atletas. Além disso, não suporto a violência no futebol”, conta o professor, lembrando que, nas décadas de 70 e 80, costumava ir aos Grenais com a camiseta do seu time sem nunca ter tido problemas.

Relação professor-aluno

“A relação professor-aluno não mudou. Embora não seja refratário às facilidades da informática, acho que a principal maneira de ensinar ainda é em sala de aula, usando recursos como giz e quadro. A melhor relação que existe é a que se estabelece entre professor e aluno. O tipo de aula que assisti como estudante é muito parecido com as aulas que dou hoje como professor. Gosto de ensinar conversando e discutindo com os alunos. Trabalho tanto na parte teórica quanto em laboratório, e não sei dizer do que gosto mais.”

Aposentadoria distante

“Nem penso no assunto, porque até lá deverão ocorrer várias reformas da previdência. Além disso, tenho apenas dez anos de carreira docente. Acho que estamos passando por um período de grande transformação no movimento sindical dos professores universitários. A fundação do ProIfes, por exemplo, mudou radicalmente a forma de fazer o movimento docente e eu vivi isso muito intensamente. Faço parte da discussão sobre a negociação coletiva dos servidores federais e da mesa de negociação salarial dos professores. Continuo a dar aula na graduação e na pós-graduação, porque acredito que ninguém pode representar os professores sem conhecer a realidade da sala de aula.”

Projetos

“Desejo ser um grande pesquisador, mas abafei um pouco esse lado para poder fazer política. Estou me esforçando para continuar a publicar artigos e manter meus orientandos em laboratório. Quanto à política, não faço planos. Nunca imaginei que um dia presidiria a Adufrgs e já são dois mandatos. Meu grande projeto na Associação é fundar um sindicato na nossa universidade e um novo movimento docente em nível nacional. Quero participar de uma nova federação de entidades sindicais de professores. Em termos de projeto de vida, já alcancei quase tudo que poderia sonhar: sou filho da classe média baixa de Porto Alegre, sou doutor, conheço praticamente todo o Brasil e boa parte do mundo.”



Em 1970, sobre o capô do automóvel do pai

ARQUIVO PESSOAL

FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO



Em 1839, o anúncio da fotografia por Louis Daguerre, na França, nos encaminhou para uma nova maneira de olhar e perceber o mundo. Como um método de aproximação da realidade, a fotografia ultrapassou de longe os meios de reprodução visual até então existentes: pintura, escultura, gravuras. A documentação de pessoas, lugares e eventos, "históricos" ou da memória de cada um, se tornou possível, com uma vivacidade e imediatez sem precedentes.

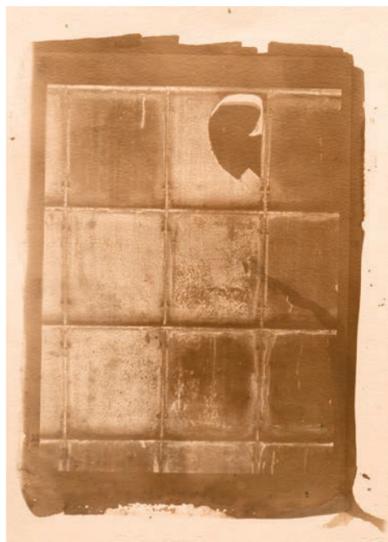
A partir de então, os procedimentos fotográficos se desenvolveram rapidamente, sempre em busca de uma maior transparência, velocidade, nitidez, uniformidade. A *ilusão* era de que quanto mais objetiva fosse a tecnologia, mais próxima da reprodução mimética da realidade a fotografia poderia chegar... Ilusão! Nesse desenvolvimento, hoje corre a passos largos a tecnologia digital, um espaço em que o registro é numérico e, cada vez mais, plano, uniforme, seguro, controlado. Por outro lado, vai desaparecendo o imprevisível, a surpresa, e talvez o erro, esse incômodo sempre prenhe de possibilidades de aprendizagem e evolução.

As imagens desta página foram feitas em um contraponto a esse desenvolvimento. Usando técnicas do século XIX, o grupo *Espírito dos sais*, coordenado pelo professor Luis Eduardo Achutti, do Instituto de Artes da UFRGS, pesquisa técnicas como a goma bicromatada e o papel salgado, com o intuito de reproduzir o mundo, real ou ilusório. Nessa busca, segundo o *blog* do grupo (www.projetosal.blogspot.com), o espaço para o erro, a tentativa, novamente o erro e, talvez, o encontro, é fundamental.

O trabalho está, também, sendo apresentado como um dos eixos da exposição paralela à 6ª Bienal do Mercosul *Essa Poa é Boa*, que ocupa um dos antigos galpões da antiga fábrica Renner, no bairro Navegantes (*vide matéria da página 13*).

TEXTO FLÁVIO DUTRA

O espírito.dos sais



O grupo

Adreson Vita de Sá
Adriana Andricopulo
Carine Castilhos
Denis Souza
Ivan Vieira
Júlia Berenstein
Letícia Lampert
Luiz Eduardo R. Achutti
Maria Zeca Fernández
Marília Bianchini
Monica Esteve Ruschel
Natália Rizzi
Rafael Pagatini
Tatiana Klafke
Tereza Mello

FOTOS GRUPO ESPÍRITO DOS SAIS

